



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA – PPGPSICC**

**ADOLESCÊNCIA E ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR: AVALIAÇÃO DOS
IMPACTOS PSICOLÓGICOS E REAJUSTES IDENTITÁRIOS-
IDENTIFICATÓRIOS COM MÉTODOS PROJETIVOS**

MARCK DE SOUZA TORRES

Brasília – DF
2014



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE PSICOLOGIA – IP
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA CLÍNICA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA E
CULTURA – PPGPSICC**

**ADOLESCÊNCIA E ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR: AVALIAÇÃO DOS
IMPACTOS PSICOLÓGICOS E REAJUSTES IDENTITÁRIOS-
IDENTIFICATÓRIOS COM MÉTODOS PROJETIVOS**

MARCK DE SOUZA TORRES

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura (PPGPsICC) do Instituto de Psicologia (IP) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica e Cultura.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo

Brasília – DF
2014

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Deise Matos do Amparo.

Aprovada por:

Prof^a. Dr^a Deise Matos do Amparo

Presidente – UnB

Prof^a. Dr^a Maria Lúcia Tiellet Nunes

Membro Externo – PUC –RS

Prof. Dr. Roberto Menezes de Oliveira

Membro Externo – UCB

Prof^a. Dr^a Regina Lucia Sucupira Pedroza

Membro Interno Suplente – UnB

Caminhante, são tuas pegadas
o caminho e nada mais;
caminhante, não há caminho,
se faz caminho ao andar

Ao andar se faz caminho
e ao voltar à vista atrás
se vê a senda que nunca
se há de voltar a pisar

(Caminhante, não há caminho – Antônio Machado)

AGRADECIMENTOS

Escrever um trabalho acadêmico por vezes pode ser um caminho muito solitário, entretanto, também pode haver a presença, e durante esses dois anos, muitas foram as companhias que gostaria de agradecer. Seja pelo auxílio na preparação desse trabalho, e também pelo alimento afetivo tão necessário para que a vida não seja tão dura, tão pesada, mas que seja possível ser vivida à medida em que vamos percebendo os sentidos e os laços de amor sendo tecido dentro de nós. Foram mais de 60 vôos durante três semestres, que contabilizam 120 horas de vôo entre Rio Branco no Acre, até Brasília no Distrito Federal, o que rendeu muitas histórias, muito cansaço, mas acima de tudo um senso de responsabilidade, eu tinha que conseguir. Portanto, meus agradecimentos:

À Deus, que é o meu grande DEUS PROVERÁ, desde o primeiro dia abençoou todo esse caminho e me possibilitou força e esperança, e a certeza de que ainda que eu caminhasse em um vale tenebroso e desconhecido que eu deveria continuar, porque ao final MINHA TAÇA TRANSBORDARIA.

À Professora Doutora Deise Matos do Amparo, muito obrigado por ter me acolhido, por ter me apresentando ao TAT na Abordagem Francesa, pelo desafio de seguir em frente, e ter me auxiliado nos caminhos da pesquisa e da escrita. Sem auxílio e compreensão eu não teria conseguido.

À todos os professores do Programa de Pós Graduação em Psicologia Clínica e Cultura que tive o prazer de conhecer e de ser desafiado a pensar e produzir conhecimento: Prof. Dra. Eliana Lazarrini, Prof. Dra. Dione Zavorini, Prof. Dr. Marcelo Tavares, Prof. Dra. Valeska Zanello, vocês me auxiliaram muito no meu desenvolvimento acadêmico.

À Prof. Dra. Sheila Giardini Murta, agradeço ter conhecido uma pessoa tão humana, e tão sábia, por ter me acolhido numa disciplina que me fez amadurecer tanto, me apresentar a Psicologia Preventiva, e os Programas Preventivos. Você me fez repensar muitas coisas, abrindo minha visão para outras que nunca havia pensando. OBRIGADO POR ME FAZER FLORESCER.

Ao Professor Dr. Roberto Menezes pelo sempre bem humorado auxílio na análise de dados desta pesquisa, e contribuições para uma melhor qualificação do trabalho.

À Professora Doutora Maria Lúcia Tiellet Nunes, pela tão carinhosa participação em minha banca de defesa, e pelas contribuições para uma melhor qualificação do trabalho.

À minha mãe Raimunda Nonata de Souza Torres, seus conselhos me conduziram a realização de muitos sonhos, mesmo morando distante saiba que você está internalizada dentro de mim.

À minha irmã Márcia Torres Luiz, por ter sido para mim auxílio, motivação, e tutora de resiliência, nos momentos mais difíceis de minha vida, me estendeu a mão, e me ensinou que amar de verdade, é quando somos suficientes maduros para perceber que o outro precisa de nosso auxílio, e não recuar diante das adversidades.

À Fábio Alves Gomes, obrigado por sua presença, por ser esse grande amigo, não importa a distância, não importa o quanto estejamos ocupados, quando nos encontramos é sempre como se fosse a primeira vez que partilhamos momentos felizes.

À José Sousa, obrigado pelo carinho fraternal, desejo que nossa amizade sempre se renove, obrigado por você existir, e fazer dos meus dias, momentos muito felizes de partilha e alegria.

Mário e Gustavo, obrigado pela amizade e carinho, suas presenças em minha vida são a certeza de que quando temos amigos nunca estamos sozinhos, que sejam loucos, que sejam poucos mas que sejam meus.

À minha nova família, Aluizio, Adriana, Adriano e Artur, fazer parte dessa família é uma grande alegria, a vida ganhou novo sentido.

À Anna Lúcia Gonçalves, Caroline Carneiro, Fernanda Flores, Alzirene Saldanha, equipe do CREAS, instituição na qual minha pesquisa foi realizada, agradeço pela acolhida, pelo apoio, e por me possibilitarem recursos para coleta de dados.

À Vera Alice Pereira da Silva, coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Barão do Rio Branco, da qual faço parte como docente. Obrigado por te me auxiliado, me apoiando, me possibilitado a articulações de meus horários de trabalho com as atividades do mestrado.

À equipe do INFANS – Núcleo de Atendimento à Vítimas de Violência da Faculdade Barão do Rio Branco, aos antigos e aos novos, Pádua Custódio, Jaqueline Pinheiro, Verônica Paiva, Kátia Dantas, João Vitor Alab, Andreia Consalter, Patrícia Doimo, Ana Beatriz Ribeiro, Anderson Araújo e Alexandre Cunha. Obrigado por me instigarem a continuar minha formação acadêmica, me estimulando a ir sempre além, para juntos construirmos sempre melhores possibilidades de intervenção.

À Patrícia Doimo, obrigado pelo auxílio na coleta de dados, obrigado pelo apoio, e pelas trocas sempre tão instigantes e profundas sobre o sofrimento humano.

À todos meus ex alunos, ex orientandos, atuais alunos, e atuais orientandos por me instigarem e desafiarem a ser sempre melhor qualificado, sem esse incentivo não teria conseguido.

À todas as adolescentes participantes da pesquisa, que compartilharam comigo sua dor frente à violência. Espero com esse trabalho, compreender melhor seu sofrimento, e assim auxiliar em intervenções mais eficazes, com maiores possibilidades de qualidade de vida.

Por fim “ao andar se faz caminho, e ao voltar à vista atrás se vê a senda que nunca voltará a pisar”, com a certeza de que já não sou mais o mesmo, que a vida continuou, e que ainda há muita coisa para ser vivida. Afinal enquanto caminhar ainda haverá o que construir.

RESUMO

Torres, M.S. (2014). *Adolescência e Abuso Sexual Intrafamiliar: Impactos Psicológicos e Reajustes Identitários-Identificatórios*. Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

Este estudo tem por objetivo investigar os impactos do abuso sexual intrafamiliar para a problemática identitária-identificatória na adolescência. Tendo como partida a concepção da adolescência enquanto corolário do Complexo de Édipo, já que sua inscrição só acontecerá no segundo tempo de sua reatualização, o que permitirá ao sujeito a diferenciação eu/outro, a fantasmática da diferenciação sexual entre masculino/feminino, ou seja, a possibilidade do sujeito remanejar a sexualidade infantil, para que possa integrar sua genitalidade e desejar outros objetos, que não as figuras parentais. Variadas pesquisas tem contribuído para a compreensão das consequências do incesto na constituição psíquica de crianças e adolescentes, no entanto, poucas pesquisas tem sido realizada com enfoque psicanalítico e com técnicas projetivas, cuja compreensão seja o impacto no psiquismo da experiência incestuosa. Ferenczi contribui com a temática nos propondo que a criança que vivência a violência sexual, utiliza a clivagem e a identificação com o agressor, possibilitando a sobrevivência psíquica. O método utilizado foi o estudo com grupo único, no qual prevê a construção de um grupo delimitado por uma problemática específica e os estudos de casos nas suas variações. Participaram da pesquisa quatro adolescentes com idades entre 12 e 17 anos, vítimas de violência sexual. Os instrumentos utilizados foram entrevistas clínicas e métodos projetivos para compreensão do funcionamento psíquico. As técnicas projetivas utilizadas foram o Procedimento Desenho Família com Estórias e o Teste de Apercepção Temática – TAT na abordagem francesa, e tinham como objetivo compreender o funcionamento do sujeito no ambiente familiar, e o funcionamento das relações de objeto, respectivamente. A partir da análise dos protocolos, podemos perceber que as adolescentes apresentavam uma fratura no Complexo de Édipo precoce, o que dificultava o estabelecimento de uma diferenciação eu/outro que não permitiria uma estruturação do eixo identitário. Para essas adolescentes as vicissitudes de sua identificação, a utilização da identificação narcísica, e com uso da clivagem ficavam presas na questão da identificação narcísica, e com o uso da clivagem.

Palavras-chave: adolescência, incesto, complexo de Édipo, identificação, técnica projetiva.

ABSTRACT

Torres, M.S. (2014). Adolescence and Intrafamilial Sexual Abuse: Psychological Impacts and Identity-Identificatory Adjustments. Master's Dissertation, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília.

This study aims at investigating the impacts of intrafamilial sexual abuse for identificatory troublesomeness in adolescence. Taking as starting point the conception of adolescence as a corollary of the Oedipus complex, since its inscription will only happen in the second moment of its reactualization, which might allow the subject to differentiate self/other, the fantasizing of sexual differentiation between male/female, i.e. the possibility of the subject to relocate the infantile sexuality, so one can integrate one's genitality and to desired objects, other than parental figures. Several researches have been contributing to the understanding of the consequences of incest in the psyche constitution of children and adolescents, however, just a few ones have been conducted in psychoanalysis focusing on the impact on the psyche of the incestuous experience. Ferenczi contributes to the theme in suggesting that children who experience sexual violence, using cleavage and identification with the aggressor, enable the psychic survival. The method used was the study with a single group, in which it is presupposed the use of projective methods for understanding certain mental functioning, while allowing several case studies. Four teenagers aged between 12 and 17 years, victims of sexual violence, were evaluated. The techniques used were the Family Drawing with Stories Procedure and the French approach of Thematic Apperception Test. The purpose of the tests was respectively to understand the functioning of the subject in the family environment and the functioning of the object relations of the victims. From the analysis of the protocols, we can see that the teenagers showed a fracture in the early Oedipus complex, making it difficult to establish a differentiation of self/other that would not allow a structuring of the identity axis. And in the case of the teenage girls the vicissitudes of their identification were a matter of narcissistic identification, and with the use of cleavage.

Keywords: adolescence, incest, oedipus complex, identification, projective technique

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	9
CAPÍTULO I.....	11
ADOLESCÊNCIA CONSTRUÇÕES PSICANALÍTICAS:.....	11
GENITALIDADE, ÉDIPO E REAJUSTES IDENTITÁRIOS- IDENTIFICATÓRIOS... 11	
1.1. Adolescência: genitalidade e Édipo	11
1.1.1. Corpo e genitalidade	15
1.1.2. Complexo de Édipo e reajustes identitários-identificatórios.....	18
CAPÍTULO II.....	29
ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR: IMPACTOS E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DO ADOLESCENTE.....	29
2.1. O abuso sexual intrafamiliar e seus impactos no processo adolescente	29
2.1.1. Impactos da violência sexual na perspectiva da psicologia	29
2.1.2 Impactos psíquicos do abuso sexual na perspectiva da psicanálise	32
2.2. Avaliação psicológica da criança e do adolescente abusados sexualmente	42
CAPÍTULO III.....	47
SOBRE O MÉTODO	47
3.1 Participantes	48
3.2 Instrumentos	48
3.4 Procedimento para análise dos dados.....	56
CAPÍTULO IV	58
DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: DO ESTUDO DE CASO INDIVIDUAL À CONSIDERAÇÕES SOBRE O ÉDIPO E IDENTIFICAÇÃO NO ABUSO SEXUAL INCESTUOSO.....	58
4.1. Resultados e discussão dos casos clínicos	58
4.2. Considerações gerais sobre a problemática do Édipo.....	87
4.2.1. O Complexo de Édipo e as Fraturas.....	87
4.2.2. As Vicissitudes da Identificação no Incesto	91
CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	102
ANEXO I.....	107

APRESENTAÇÃO

O fenômeno do abuso sexual tem sido objeto de estudo sistematizados dentro do campo da saúde pública, das ciências humanas, da psicologia, na tentativa de torná-lo inteligível, e principalmente para uma busca de intervenção cada vez mais eficazes.

Mas não temos como diante da violência, e principalmente do abuso sexual não mobilizar um certo sentimento de intolerância, principalmente quando o perpetrador é o próprio pai, ou o padrasto - o qual muitas vezes é tido pela criança ou adolescente como o substituto paterno - o que causa a sensação de horror e por vezes inclusive a inviabilidade da escuta, nos deixando numa questão enigmática: onde deveria haver um interdito, encontramos o incesto presentificado.

Apesar de encontrarmos estudos sistematizados dentro da psicologia, sobre: revelação, notificação, intervenção clínica, temos poucos estudos sobre avaliação psicológica, com utilização de técnicas projetivas para compreensão do funcionamento psíquico, tampouco estudos com escopo da psicanálise, e menos ainda com foco na adolescência.

Assim formulamos a seguinte questão de pesquisa: qual impacto do incesto no reajuste identitário-identificatório do adolescente? Para essa investigação utilizamos as técnicas que nos auxiliarão na compreensão das formulações das relações de objeto precoce, e qual o impacto do abuso no momento da adolescência, e as consequências no funcionamento psíquico para o sujeito adolescente.

Assim no Capítulo I - Adolescência construções psicanalítica: genitalidade, Édipo e reajustes identitários-identificatórios, realizamos um percurso conceitual desde os estudos da adolescência na obra freudiana, partindo do pressuposto básico, de que a adolescência é o puberdade – inaugurando assim a problemática da genitalidade – no

desenvolvimento dessa perspectiva Gutton nos apresenta o pubertário, fazendo um atravessamento com a questão do complexo edípico e seus impactos no eixo identificatório, portanto, como um adolescente estrutura sua identificação.

No capítulo II intitulado Abuso Sexual intrafamiliar: Impactos e avaliação psicológica do adolescente, através da revisão de literatura, demonstramos as consequências do abuso na visão da psicologia, seguido das contribuições da psicanálise, citando Ferenczi, com seu texto Confusão de línguas entre os adultos e as crianças, no qual o autor vai elaborar uma compreensão profícua dos mecanismo que atuam quando ocorre um abuso sexual na infância, sendo eles a clivagem e a identificação com o agressor, e que servirão ponto de partida para compreensão da problemática dessa pesquisa.

No capítulo III descreveremos a metodologia de estudo de caso com grupo único, os procedimentos utilizados para avaliação psicológica. O procedimento desenho família com estória e o Teste de Apercepção Temática na abordagem francesa.

Na parte deste trabalho as considerações finais sobre os resultados da pesquisa, ressaltando a importância de que sejam pensadas, pesquisas sobre avaliação psicológica de adolescentes vítimas de abuso sexual, tendo em vista, que o incesto nesse momento do ciclo de vida provoca desajustes na problemática identitária-identificatória.

CAPÍTULO I

**ADOLESCÊNCIA CONSTRUÇÕES PSICANALÍTICAS:
GENITALIDADE, ÉDIPO E REAJUSTES IDENTITÁRIOS-
IDENTIFICATÓRIOS**

“A adolescência é a edição encadernada de uma série de papéis que permanecem avulsos, que dormiam em gavetas, que circulavam como bilhetes clandestinos.”

(Corso, 2002)

1.1. Adolescência: genitalidade e Édipo

A psicanálise contemporânea tem dedicado muitas pesquisas sobre a temática da adolescência, por compreender que esse é um momento muito peculiar do desenvolvimento, e da organização da vida psíquica do sujeito, em dois tempos distintos: (1) enquanto reedição do complexo infantil, e (2) passagem para a condição de adulto.

Freud não postula um conceito sobre a adolescência, mas em seu texto *Os Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*(1905), como subtítulo da terceira lição temos *As Transformações da puberdade*, ou seja, nesse texto o ponto de partida da compreensão dos processos psíquicos da adolescência, parte do impacto do jovem frente ao incremento libidinal e à excitação sexual, visto como fruto de excessos hormonais, diante dos quais sobrevém a reatualização de fantasias incestuosas, o que, no confronto com a Lei, exige do jovem o doloroso desligamento dos pais. Tais mudanças e a necessidade de reordenações e composições põem à prova os processos anteriores, com os remanejamentos estruturais decorrentes e as possíveis perturbações patológicas que podem advir desses processos.

A partir disso podemos pensar que problematizar a adolescência sem dúvida é uma dificuldade que impõe duas questões: (1) definir o conceito de adolescência, tendo em vista as transformações psíquicas e físicas próprias desse momento evolutivo, (2) discutir a reelaboração do infantil, ou seja, a reedição do complexo edípico, e sua articulação com os processos identificatórios.

Segundo Marty & Cardoso (2008) a adolescência pode ser pensada como um processo psíquico fundamental para o desenvolvimento da criança, processo que traz em seu seio o despertar pulsional próprio das mais intensas transformações psíquicas.

Retornando aos *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905), notamos que Freud dá ênfase ao primado da sexualidade infantil, com a organização das pulsões parciais. Com a entrada na puberdade Freud dá uma conformação ao infantil sexual, demonstrando que este processo permite a reordenação das moções pulsionais, permitindo assim a escolha de objeto fora do próprio corpo, saindo do autoerotismo.

Segundo Vilas Boas (2013),

“Todas as pulsões parciais se prendem ao mesmo jugo, ao primado das zonas genitais. A tensão sexual faz a exigência de um aumento de prazer, e só a puberdade faz emergir o aparato para um prazer final – diferente do pré-prazer infantil – e novo. Em outras palavras, a genitália, mediante uma excitação externa ou interna, está preparada para o ato sexual” (pg. 19)

Para Freud fica claro a importância econômica da organização psíquica, compreendendo que o trabalho psíquico, que se efetua na adolescência possibilitam o encontro com o outro na alteridade genital, ou seja, reconhecer a si enquanto homem e mulher, estabelecendo assim a diferença sexual, e a partir dessa referência poder realizar o jogo sexual objetal fora de seu próprio corpo.

Temos assim segundo Marty e Cardoso (2008) que essa relação se dá de forma complementar, a partir desse encontro entre os sexos ao qual o adolescente será

diretamente confrontado, com o violento conflito interno entre a manutenção de seus investimentos narcísicos, herança da infância, e o empenho nos investimentos objetivos (o encontro com o outro) cuja perspectiva ameaça sua integridade narcísica.

A adolescência assume um caráter de renúncia de um estado auto erótico, para assumir uma posição de genitalização, entrando no circuito de enfrentamento da castração, e dos desafios edipianos impostos pela reedição, das rearticulações pulsionais, e da estranheza pubertária, que ao ser assumida assinala a crise que traz em seu bojo uma novidade que é a descoberta da genitalidade.

Freud (1923) no seu texto intitulado *A Organização Genital Infantil*, aborda a questão da diferenciação sexual infantil e pubertária, mostrando a questão da angústia da castração enquanto ponto nodal da resolução do Complexo de Édipo, e o acento colocado na ideia de falo como objeto de desejo.

“A característica principal dessa 'organização genital infantil' é, ao mesmo tempo, o que a diferencia da organização genital definitiva do adulto. Consiste nisso em que, para os dois sexos, um único órgão genital representa um papel: o órgão masculino. Não há, portanto, um primado do genital, mas um primado do falo.”
(FREUD, 1923/1977, p.114)

Segundo Ouvry (2011), a partir desse texto existe uma mudança epistemológica referente a primeira tópica para a segunda tópica, quando o masculino deixa de ser o cerne organizador do psiquismo, para dar ao falo, ou seja, ao significante, isto é aquilo que simboliza o órgão genital masculino ereto, seja aquilo que metaforicamente está presente em cada um dos dois sexos, em seus corpos, mas também presente em cada um, independente do sexo anatômico, como consequência dos efeitos da linguagem na estruturação do psiquismo.

A postulação das teorias sexuais infantis, mesmo para crianças tão pequenas, tem por objetivo tentar resolver esse enigma, a partir da compreensão de que há um

único sexo no simbólico (falo), e dois na realidade (masculino e feminino). Por seu turno trata-se de uma equação impossível, e seu futuro destino: o recalçamento integral, quando uma novidade (a puberal) vier torná-las caducas e obsoletas.

Dessa forma na menina, o que vai compor sua especificidade parece não ser visto pelos sujeitos dos dois sexos. Ou, se ela existe, é sob o registro da norma estabelecida pela Lei que resulta da alquimia edipiana — que transforma o enigma da diferença dos sexos, para a criança, em ter ou não ter (norma fálica), isto é, em posições especulares em relação ao sexo encarnado pelo falo (Ouvry, 2011).

Não é sem motivo que para Freud, a sexualidade feminina é o reconhecimento tácito e incontestável da castração, mas não de um modo trágico, mas de uma condição *sine qua non* para a constituição do sujeito, haja visto, que o feminino também se fará presente em ambos sexos, mas enquanto significante da passividade, o que permitirá, a compreensão de algumas tomadas de posição diante da dialética de ter ou não ter o falo.

Entretanto se não há diferença sexual, esse tempo é remetido ao primeiro tempo edipiano, como salienta Ouvry (2011) trata-se do tempo em que se encontra adiada a questão da diferença dos sexos, remetida a um depois. É a promessa edipiana: "tu também, mais tarde, vais encontrar uma mulher para ti", aureolada pelo Saber fálico ("tu também saberás mais tarde"). Dentro do referencial do infantil, essa promessa de fato é ouvida como a de um saber que viria dizer o que faz a ligação entre duas pessoas de sexos diferentes, como o que se refere ao relacionamento sexual — que não existe, lembramos aqui.

Temos assim a primazia fálica estabelecida, mas a novidade puberal anuncia, uma perturbação nessa homeostase, uma rearticulação das posições masculina e feminina, demarcados pela genitalização, e a escolha de objeto cerne do trabalho psíquico da adolescência.

1.1.1. Corpo e genitalidade

A adolescência se configura como um tempo da descoberta da falta, do impossível, momento de saber sobre o sexo e a própria relação, tempo da destituição parental, e da instauração da falta como constituição do corpo.

Segundo Ouvry (2011),

“O corpo é, então, o primeiro elemento pelo qual se anuncia aquilo que faz a adolescência. É isso ainda, na continuação, quando se impõe como aquilo por que é preciso passar para encontrar o objeto, que essa novidade do Feminino vem convocar, pois não há correspondente simbólico para aquilo que constitui a novidade. É, portanto, aí dentro que há algo a pacificar, a velar. É por seu intérprete que o objeto pode ser encontrado, é na realidade que é preciso agora procurar esse objeto, que pode vir a recobrir — portanto, pacificar — esse efeito de real da novidade puberal. É a busca do outro do Outro sexo, como parceiro encontrado na realidade, e inscrevendo em seu corpo, por meio da diferença dos sexos, que é diferença radical, essa parte de real a recobrir.” (pg. 220)

O corpo é palco de grandes transformações, e para ambos os sexos haverá uma explosão hormonal, com a possibilidade de inscrição do trabalho psíquico referente ao puberal; temos então que o genital aparece no pubertário, intimamente ligado à marcação da diferença entre os sexos, diferença experienciada (corporal e psiquicamente) notadamente pelo viés das fantasias de uma maneira nova.

No pubertário há uma nova forma de perceber a diferenciação sexual, àquela percebida pela criança à saída do complexo de Édipo com o processo de identificação e a concepção fálica da diferença sexual (Marty, 2008).

Como afirma Vilas Boas (2013) o que caracteriza a prova originária pubertária é a ilusão de que a complementaridade entre os sexos se dá no encontro com o objeto. O pubertário possui uma força pulsional que busca adequação no encontro com o objeto após a trajetória da criança edipiana e da fase de latência. A busca por esse objeto de

satisfação está baseada em um funcionamento de complementaridade ideal do bebê em sua unidade narcísica originária.

O genital está associado a atividade ligada aos órgãos reprodutivos, assim pensamentos em uma sexualidade adulta, nesse sentido o genital faz menção ao investimento objetal e que aparece como organizador do desenvolvimento psicosexual.

Vilas Boas (2013) fomenta a reflexão sobre o conceito de unidade narcísica do pubertário desenvolvido por Gutton. No primeiro momento essa unidade se estabelece na relação entre a mãe e o bebê, enquanto continuação simbiótica da gravidez, portanto uma unidade ainda não diferenciada entre eu/outro; eu (corpo)/ outro (corpo), sem contar da própria permanência da não diferenciação sexual.

A puberdade instaura portanto, a necessidade da recusa fusional entre mãe e bebê, temos assim o surgimento da relação de complementariedade da zona erógena e o objeto, promovendo o abandono do autoerotismo, para um investimento no objeto, é uma aposta de que o outro sexo irá responder à demanda da falta.

A motivação da união em casal dos humanos vem dessa necessidade: trazer uma figurabilidade ilusória ao real puberal pela interposição de um outro na realidade. Compreende-se melhor por que o Amor tem natureza imaginária — ficando a cargo de cada um cuidar disso de forma que se sustente ao menos uma ilusão para si (Ouvry, 2011).

Marty (2008) diz que, se a genitalidade constitui um término do processo que leva o sujeito humano a desfazer-se do autoerotismo ou a integrá-lo, numa relação com o outro; tal processo está sempre por elaborar, sempre por construir, já que a adolescência, a partir do momento em que ela dá acesso ao genital, transformando o corpo narcísico fálico da criança num corpo genital.

A adolescência está marcada por um duplo trabalho, visto que ao mesmo tempo em que há um trabalho real, marcado no orgânico, no qual o corpo púbere apaga o corpo fálico da infância, ocorre um trabalho psíquico, demarcado pela rearticulação dos processos fantasmáticos que são reativados, e potencializados.

A violência pubertária, da qual a genitalidade se constitui enquanto elemento, bem como a capacidade auto reparadora que vai possibilitar ao adolescente a elaboração da violência interna para que assim possa haver um investimento libidinal na relação com o outro.

Portanto, o trabalho da adolescência consiste em dar sentido a essas experiências somato-psíquicas potencialmente traumáticas potencialmente despersonalizantes, para assentar a identidade do sujeito adolescente, aquilo que os autores contemporâneos chamam de processo de subjetivação (Cahn, 1998).

A puberdade aparece como um dos grandes trabalhos que o adolescente terá que efetuar, uma vez que está imposto as transformações fisiológicas. Viver essa experiência inédita e integrá-la sem perder o sentimento de continuidade de sua existência: mudar e permanecer o mesmo, em suma, adaptar-se à nova rodada de sua vida sem se tornar inteiramente estrangeiro a si mesmo.

O genital assim, é uma engrenagem que diz respeito não apenas à escolha do objeto, mas também, e de uma maneira mais radical, ao modo de organização psíquica do sujeito (Marty, 2008).

Nesse sentido podemos evocar a potencialidade traumática pubertária e a novidade do estranhamento familiar de seu súbito surgimento para o ego do adolescente, portanto, por vezes a genitalidade é uma construção que exige não apenas bases narcísicas e edipianas sólidas, mas também uma certa capacidade de tolerar em si o sentimento de descontinuidade que a emergência do genital pode provocar.

Temos assim que a questão central da adolescência gira em torno da ordem de um trabalho “ativo”, mas de uma experiência que atravessa o sujeito, gerando uma alteração psíquica mesmo sem sua “autorização”, por vezes violenta, mas que possibilitará a compreensão de questões seminais da adolescência.

1.1.2. Complexo de Édipo e reajustes identitários-identificatórios

Segundo Laplanche e Pontalis (2001),

“ o complexo de Édipo: conjunto organizado de desejos amorosos e hostis que a criança sente em relação aos pais. Sob a forma dita positiva, o complexo apresenta-se como na história do Édipo-Rei: desejo da morte do rival que é a personagem do mesmo sexo e desejo sexual pela personagem do sexo oposto. Sob a forma negativa, apresenta-se de modo inverso; amor pelo progenitor do mesmo sexo e ódio ciumento ao progenitor do sexo oposto. Na realidade, essas duas formas encontram-se em graus diversos na chamada forma completa do complexo de Édipo” (pg. 77)

O complexo edipiano se constitui como o ponto mítico mais relevante da nossa constituição psíquica, por ser o protótipo da primazia da dialética fálica, presente na ambivalência entre identificação e destruição do objeto, marcado pelo complexo de castração, o romance familiar por excelência, que possibilitará ao sujeito a diferenciação/alteridade, ocasionando uma gama de impactos que influenciarão a puberdade, sua resolução e seus desejos.

Segundo Vilas Boas (2013) o período da puberdade visa dar conta do real biológico, tendo em vista a pressão que faz à barreira do incesto, estabelecida no Complexo de Édipo. Sem dúvida, a prova pubertária complexifica o destino do Édipo. O púbere ainda acredita poder desmistificar os símbolos enigmáticos da sexualidade adulta, pré-formados em sua infância. No entanto, os laços identitários do Édipo não anunciam um destino e o inconsciente continua a não responder às questões sobre a identidade sexual, além de lançar novos enigmas.

A adolescência é o momento de deixar para trás a criança idealizada pelos pais, é o tempo de desinvestimentos e reinvestimentos, de busca de uma identidade sexual, não é à toa que a crise da adolescência costuma ser motivo de preocupação. O jovem indivíduo é empurrado para fora do estado e do estatuto infantil.

Na puberdade, o sujeito é arremessado para uma cena onde se realizam novamente os jogos complexos do amor e do ódio do Édipo, de uma maneira muito mais perigosa para os seus protagonistas que nos primeiros tempos do conflito. (Emmanuelli, 2011)

Temos então o segundo tempo do Édipo: a sua reedição, o que se tornará a primeira de muitas crises com que o sujeito vai se deparar em torno da vida, as exigências pulsionais provenientes do amadurecimento corporal, e muitas vezes, as dificuldades que ocorrem nessa fase da vida, tem a ver com uma desvalorização das imagens identificatórias que são oferecidas aos adolescentes.

No entanto para que o sujeito seja nomeado enquanto adolescente se faz necessário um percurso na pré-história, remontando os pontos míticos de sua condição para então compreender os processos que constituem as questões identificatórias que atravessam o sujeito.

Dessa forma temos constitutivamente o Complexo de Édipo enquanto processo estruturante primordial, que possibilita aos sujeitos a formação dos ajustes identificatórios e principalmente a inserção no processo socializador.

“(…) a experiência vivida no terremoto edipiano fica registrada no inconsciente da criança e perdura até o fim da vida como uma fantasia que definirá a identidade sexual do sujeito, determinará diversos traços de sua personalidade e fixará sua aptidão a gerir os conflitos afetivos (...)” (Nasio, 2007, pg.12).

O Édipo é, portanto um mito de amor constitutivo do aparelho psíquico, que promoverá ao sujeito a continuidade psíquica, bem como definirá as questões psicopatológicas do sujeito.

No que concerne ao seu principal objetivo será o de proporcionar através das suas equações simbólicas a diferença sexual, bem como possibilitará a organização pulsional, dando a possibilidade da entrada do sujeito na dialética do desejo.

O Édipo enquanto estruturante se dá num jogo intersíquico, onde os processos identificatórios se presentificam, marcando o sujeito de modo intrapsíquico, protótipo de uma história que será revivida durante a existência do sujeito.

“o complexo de Édipo participa de um remanejamento tópico, ao levar a uma evolução do ego, à instauração do ego, à instauração do superego e do ideal do ego” (Emmanuelli e Azoulay, 2008, pg.22)

Ao iniciar o processo edípico a criança rompe com alienação do desejo do outro, para se inserir na dialética fálica, mas meninos e meninas primordialmente têm saídas diferentes para esse processo. Discutiremos a seguir essas vicissitudes:

Para os meninos o que está em jogo é a questão da ameaça da castração, formulando uma saída que constituída através do processo de identificação, ou seja, por aliança com o objeto fálico, para uma tentativa da evitação da castração, fazendo uma renúncia ao incesto, para uma escolha objetual que se dará para fora, ou seja, extrafamiliar.

No caso do menino, observaremos precocemente uma catexia objetual em relação à mãe e a identificação com o pai, que somente aparecerá, na sua forma conflituosa, no momento em que os desejos sexuais do menino pela mãe forem acentuados. Sua identificação com o pai irá assumir, assim, uma intensidade ambivalente, a possibilidade de manter a mãe como objeto de amor surgirá através da intensificação da

identificação com o pai. E essa identificação, em que o menino quer ser como o pai, parece-nos que se trata da terceira modalidade de identificação.

Para as meninas a castração é desde sempre presente, o que culmina num eixo identificatório de duas vias: (1) a primeira enquanto sedução para o objeto fálico, e após esse momento, (2) teremos a questão da identificação primordial com a mãe, que permitirá uma saída relacional, e não aprisionada na inveja mítica postulada por Freud.

O Édipo na menina é construído a partir da mudança de objeto libidinal da mãe para o pai, se a menina só entra na trama edípica no momento em que ama o pai e precisa abdicar desse amor. A insistência nessa configuração parece-nos resultante de um resto de influência biológica. A menina tem que ter por objeto edípico o pai, isto é, a mulher há de ser biologicamente direcionada para o homem; uma das conseqüências dessa configuração é a afirmação da fragilidade superegóica.

Podemos pensar que o Édipo na menina também se refere à separação da mãe, ou seja, a menina vive com a mãe uma completude imaginária, e a entrada de um terceiro anunciará a angústia de castração, promovendo a separação e possibilitando o processo de sexuação e subjetivação. A menina, também, tem por outro-objeto primordial a mãe e é a entrada do outro-abstrato que proporcionará a proibição dessa escolha e a saída da alienação narcísica, produzida pelo ego ideal modelo do outro-narcísico. A partir da castração, a menina poderá buscar o ideal do *eu*, ou seja, o outro-narcísico demarcado pela castração.

O Édipo inaugura nossa entrada na socialização, porque impõe o tabu do incesto, forma o superego, e permite ao sujeito um avançar estrutural rumo ao seu desenvolvimento pleno, possibilitando os ajustes necessários para sua evolução emocional, para tanto é necessário o uso de mecanismos que auxiliem o sujeito na

organização dialética desse processo, um dos principais mecanismos que será utilizado será o mecanismo de identificação.

Todas as modalidades de identificação contribuem, evidentemente, para a constituição do superego. O superego é o resultado das primeiras catexias libidinais, mas, similarmente ao objeto morto introjetado no processo melancólico, o superego transforma-se, usando um pleonasma, num outro-alteritário no interior do eu, vigiando qualquer ação de aproximação deste em relação ao objeto perdido. Para preservar o objeto externo, o superego, introjeta os resíduos da relação libidinal e, assim, controla, pune e auto-observa o sujeito. É o representante da consciência moral, aquela instância que garante os limites entre as relações. O superego representa um símbolo abstrato da lei da proibição do incesto, psiquicamente introjetada e, nesse sentido, guarda algumas semelhanças com a lógica do totem.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001) a identificação é,

“processo psicológico pelo qual um sujeito assimila um aspecto, uma propriedade, um atributo do outro e se transformam, total ou parcialmente, segundo o modelo desse outro. A personalidade constitui-se e diferencia-se por uma série de identificações”.
(pg.226)

Verificamos que na obra freudiana, o conceito de identificação aparece como um processo constitutivo do sujeito, e que ancorada no processo edípico, estrutura um objeto de amor e de rivalidade, sendo esta ambivalência em relação ao objeto essencial para constituição da identificação. O processo de identificação do adolescente implica, portanto, a busca de uma identidade adulta que se caracteriza pelo desejo de conquistar a sua emancipação em diferentes níveis: sexual, psicológico e social.

Para ambos, rapazes e moças, necessitam renunciar de forma irreversível aos objetos incestuosos, objetos primários de amor, transformando-os, por meio da sublimação e reelaboração, em aspectos de sua identidade adulta.

A evolução dessa busca de um objeto heterossexual, erótico e de amor, caminha em direção ao desejo de amar e de ser amado. Algo de narcísico sempre permanecerá presente na personalidade, tendo a função de manter a integridade do *self* e as bases do sentimento de autoestima.

Segundo Kosovski (2014) ao longo da vida, contudo, há momentos mais propícios à claudicação do plano das identificações nos quais a dimensão de semblante inerente à unidade atribuída ao eu se evidencia. Dentre eles, destacamos as desestabilizações promovidas pela puberdade.

As mudanças corporais abruptas e a possibilidade do ato sexual, bem como a sexualidade que então se torna genital, interrogam frontalmente a unidade da imagem edificada sob a égide do falo imaginário e questionam a identificação do sujeito ao lugar marcado pelo falo, ponto sobre o qual ilusoriamente repousava o olhar do Outro.

Novas relações com o corpo vão se estabelecendo a partir de suas mudanças, impostas pelo início da puberdade e caracterizadas pelo desenvolvimento dos elementos sexuais primários e secundários. O surgimento da menarca e da ejaculação, associado às suas novas funções, desejos e temores conscientes e inconscientes, vai sendo trabalhado, tanto no âmbito egóico como superegóico, no sentido de reestruturação do novo esquema e identidade corporais.

As velocidades com que ocorrem as transformações corporais, a elaboração do luto pela perda do corpo infantil e a aquisição das funções adultas são diferentes, criando um estado de desarmonia interna, um aumento de tensão e o surgimento de forças antagônicas que podem se refletir na conduta, com atuações à semelhança de

manifestações psicopáticas, cuja permanência nesse estado configurará uma condição psicopatológica.

O jovem perde pouco a pouco sua condição infantil de relativa dependência e submissão aos desejos parentais, reajustando seus processos identificatórios marcados no complexo infantil.

A estabilidade egóica da latência é substituída pela instabilidade, oriunda das próprias transformações emocionais pelas quais está passando. Se até então era visto como criança, agora a expectativa social é de vê-lo(a) adulto(a), assumindo um outro nível de compromissos e responsabilidades. Ao mesmo tempo, esse jovem espera de si um desempenho mais avançado, e depara com pensamentos e ações discrepantes entre o que idealiza de si, por meio de racionalizações, e o resultado final dessas ações.

Como herdeiro do complexo de Édipo, a constituição do superego introduzirá o sujeito na Lei, além de constituir e modificar pela assimilação de traços e atributos das pessoas com as quais se relaciona, e que possibilitam uma delimitação identitárias e normativa para as várias formas de lidar com o desejo.

No texto intitulado *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921), no capítulo sete, Freud se dedica a abordar a questão da identidade do sujeito, como expressão primária de uma ligação afetiva e identificação com outra pessoa.

Segundo Freud (1921/2006)

“A psicanálise conhece a identificação como a mais antiga manifestação de ligação afetiva a uma outra pessoa. Ela desempenha um determinado papel na pré-história do complexo de Édipo. O garoto revela um interesse especial por seu pai, gostaria de crescer e ser como ele, tomar o lugar dele em todas as situações. Digamos tranquilamente: ele toma o pai como seu ideal. (pg.114)”

Compreendemos então que a dinâmica identificatória pontua que os objetos concretos da realidade externa passam a ser realidade psíquica na vida do sujeito. O investimento libidinal em objetos indica a relação do sujeito com o outro, que em um

primeiro momento pode ser compreendido como uma realidade externa, ou seja, o enfrentamento que o sujeito realiza em busca de socialização dá-se com os objetos que existem fora do corpo pulsional, e tomados por idealização.

Para Freud (1921/2006) o menino começou a empreender investimento na mãe do tipo anaclítico, temos assim um dos atravessamentos próprios da identificação a ambivalência. A mãe é tomada por investimento objetal, e o pai é tomado como modelo, com a unificação da vida psíquica temos assim o Complexo de Édipo normal.

A constituição subjetiva do sujeito é atravessada por questões relativas ao enlaçamento entre as instâncias psíquicas, que produzem as possibilidades do arranjo psíquico necessário para que o sujeito avance em seu processo de individuação.

A partir dos dispositivos identificatórios, o púbere percebe que pode se distanciar do objeto, tomando para si através de introjeção características desse objeto, temos assim uma nova forma de se relacionar com a alteridade.

As primeiras etapas do desenvolvimento do Complexo de Édipo marcam os processos identificatórios com os quais teremos que lidar sempre em reedição, temos assim uma segunda chance no processo evolutivo de (re) arranjar tais questões.

Na adolescência esse rearranjo se dará através do trabalho psíquico, originada na violência pubertária, que provocará impactos profundos na constituição do adolescente.

Após as formulações edípicas terem sido efetivadas, há um adormecer pulsional - período de latência - após esse período, dá-se início o processo de definição das questões identitárias e pulsionais, que possibilitarão ao sujeito realizar a escolha objetal, bem como a diferenciação sexual, e os reajustes identificatórios ligados à reedição do complexo edípiano, que acontece no período que denominamos adolescência.

Nossa proposta de reflexão sobre a adolescência parte do pressuposto de que a mesma tem um estatuto metapsicológico, ou seja, uma discussão constitutiva a partir da

psicanálise, e tomada a partir do segundo tempo do trauma, ou seja, a emergência do pubertário, como um tempo de re-significação do primeiro tempo ligado ao Complexo de Édipo (Dantas, 2002) e não meramente com uma etapa do desenvolvimento vital e sexual o que teria apenas um substrato biológico.

“A adolescência é a expressão de um lugar de conflitualização violenta onde pulsões e defesas, investimentos narcísicos e objetais, se defrontam. Inscreve-se numa revivência da problemática edipiana infantil, de onde emergem as fantasias pubertárias organizadas em verdadeiras cenas.” (Marty & Rezende, 2008, pg.10)

A questão metapsicológica que a adolescência suscita, relaciona-se com a organização das pulsões parciais, e a emergência das questões fantasmáticas ligadas ao cenário edipiano, permitindo os reajustes identificatórios demarcados pela reedição do complexo de castração organizam a dialética do desejo, e que irá possibilitar a inauguração primordial do desenvolvimento psicosssexual, que é a diferenciação sexual.

As transformações sofridas pelo corpo não são apreendidas, concomitante pelo psiquismo, isso se apresenta no segundo tempo da vivência da puberdade, ao mesmo instante em que os investimentos libidinais são deslocados das figuras dos pais para outras fora do âmbito familiar, dessa forma o adolescente é tomado, passivamente por transformações no seu próprio corpo que demandam significação.

Dessa forma a adolescência se constitui um modelo para o estudo das transformações psíquicas, já que põe em jogo remanejamentos identificatórios e a integração das pulsões parciais à sexualidade genital, culminando na instauração de uma identidade sexual estável.

As modificações pubertárias engendram uma sexualização genital que colore, num efeito a *posteriori*, os acontecimentos do passado, conferindo-lhes impacto traumático.

Um trabalho de separação espera os adolescentes: a renúncia aos laços infantis com as imagos interiorizadas dos pais. A separação efetiva dos pais reais, é retomada, na adolescência, destino da ligação ao primeiro objeto, levando em conta a necessidade do despreendimento, que explica a importância das problemáticas depressivas nesse período se manifestam sob diversas sintomatologias.

Freud (1921/2006) apresenta o conceito de identificação da seguinte maneira:

“a identificação é a forma de ligação afetiva com o objeto, segundo por via regressiva ela se torna sucedâneo para uma vinculação de objeto libidinal, por assim dizer, por meio da introjeção do objeto no eu; e, terceiro, pode surgir sempre que o sujeito descobre em si um traço comum com outra pessoa que não é objeto de suas pulsões sexuais. (pg.116)”

A adolescência tem então como um *a fortiori* a possibilidade da rearticulação identitária formulada *a priori* no Complexo de Édipo, e que no momento pubertário é posto em jogo, a possibilidade de ligação afetiva com o objeto, e também a identificação com outro a partir da dessexualização.

O trabalho do adolescente é empreender uma atividade que possa integrar esse movimento psíquico a sua biografia, passando aí para um trabalho de reelaboração de questões como: fantasias, identificações, mitos entre outros, ocasionando uma enxurrada de sensações, o que permite compreender porque para alguns adolescentes, esse momento pode ser tão perturbador, a ponto de causar rupturas, e para outros, uma passagem mais tranquila, de qualquer modo, seja pela via da difusão, seja pela via da integração, o binômio passividade/atividade será a tonalidade econômica do movimento pubertário.

Além de ser um momento de recusa, de introjeção e de remanejamento identitários, o adolescente revive, portanto, as marcas da diferenciação, apostando que agora saberá algo sobre si e sobre o outro, a partir da genitalização, tornando-se mais

íntegro para realizar uma escolha de objeto, compatível com seu desejo, e que não seja incestuoso, afinal agora é possível haver uma relação sexual, mas esse possível será sempre à medida que o sujeito se dispuser a ir para fora, e não ferir o estatuto primordial do tabu da horda primitiva.

Adolescer implica em um árduo trabalho, em um duplo movimento somato/psíquico, que sem dúvida pode vir a ser perturbador, além do que nenhum sujeito sai incólume desse processo.

Segundo Marty & Cardoso (2008) a adolescência é marcada por uma violência interna que se mantém no cerne de nossa vida psíquica e que cabe ao nosso eu tratar para transformá-la, a fim de não ser destruído por ela (movimento de auto conservação) e assim colocá-la a serviço da vida, da criatividade (ligação das pulsões de vida e de morte entre si, ligações também das pulsões a objetos, a representações).

Por isso o presente trabalho que tem como escopo a avaliação de adolescentes em situação de violência sexual, e visa o processo pubertário, entendendo que se em processos da adolescência normal já existe uma cota de traumático. O que será que acontece quando existe um outro fenômeno traumático na contra mão dessa problemática?

CAPÍTULO II

ABUSO SEXUAL INTRAFAMILIAR: IMPACTOS E AVALIAÇÃO PSICOLÓGICA DO ADOLESCENTE

2.1. O abuso sexual intrafamiliar e seus impactos no processo adolescente

2.1.1. Impactos da violência sexual na perspectiva da psicologia

Por violência sexual entende-se uma situação complexa, desencadeada por um ato sexual, não necessariamente o coito, no qual uma pessoa estranha ou familiar utiliza-se do corpo de outra pessoa, ou ameaça fazê-lo, sem consentimento consciente (Cromberg, 2001).

O levantamento de revisões sistemáticas realizadas a partir de estudos sobre o tema do abuso sexual, encontramos indicadores de crescente interesse das pesquisas de diferentes aspectos do problema, incluindo questões epidemiológicas, características, fatores associados e consequências do abuso sexual no desenvolvimento individual (Macdonald, Higgins, & Ramchandani, 2006).

Os efeitos do abuso sexual infantil podem ser diversos e severos, incluindo consequências físicas, cognitivas, emocionais e sociais (Habigzang & Koller, 2011; Arpini, Siqueira & Savengnano, 2011). Dessa forma podemos verificar consequência em vários campos da vida do sujeito, mobilizando-o de modo global, além de indicar de forma geral os vários tipos de violência estão interligados.

Para Habigzang & Koller (2011), existem dois fatores importantes que impactam o desenvolvimento de crianças e adolescentes que passam pela experiência de abuso sexual: (1) fatores intrínsecos que estão ligados a questões constitutivas do sujeito, por exemplo a capacidade de *coping*, a construção de crenças distorcidas que

desencadeiam sentimento de culpa e inadequação implicando numa dificuldade na revelação para familiares não abusivos; (2) fatores extrínsecos que estão relacionados a falta da rede apoio para proteção da criança e do adolescente, o que implica prejuízos nas questões sociais e de desamparo, dessa forma as crianças tornam-se mais vulneráveis no caso de inexistência dessa rede.

Para Ullman & Filipas (2005) existem algumas características referentes a violência sexual e ao desenvolvimento da vítimas: 1. Idade do início do abuso; 2. A duração, a frequência e o grau de violência; 3. A diferença de idade e proximidade afetiva entre o perpetrador e a vítimas; 4. O grau de segredo e ameaça; 5. Ausência de figuras parentais protetoras; 6. Recebimento de recompensa e a negação do perpetrador de que o abuso aconteceu.

Essas características têm uma ligação seminal com as consequências do abuso, tendo em vista que demarcam a capacidade de resiliência da vítima, haja vista que a vivência do incesto é mais prejudicial à vítima, e que certamente a vivência em torno dessa dinâmica leva a criança ou adolescente vítima de abuso a uma situação de desamparo (Arpini, Siqueira & Savegnago, 2012)

No trabalho de Amazarray & Koller (1998) existem uma divisão por faixa etária dos impactos da vitimização do abuso sexual, para crianças de 0 à 6 anos, as manifestações são caracterizadas por ansiedade, pelos pesadelos, pelo transtorno de estresse pós traumático e pelo comportamento sexual inapropriados; para crianças de 7 à 12 anos, os sintomas mais comuns abrangem o medo, os distúrbios neuróticos, a agressão, os pesadelos, os problemas escolares, a hiperatividade e o comportamento regressivo; em adolescentes de 13 à 18 anos observa-se a depressão, o isolamento, o comportamento suicida, a autoagressão, as queixas somáticas, os atos ilegais, as fugas, o abuso de substâncias lícitas ou ilícitas e o comportamento sexual inadequado.

Um estudo realizado por Rodrigues, Brino e Williams (2006) constatou que adolescentes vítimas de abuso sexual têm dificuldades de falar a respeito de sexualidade com seus pais e não se sentem à vontade para conversar com a mãe acerca de assuntos íntimos, como namoro e sexo, optando por não falar sobre isso em casa. Temos assim que o distanciamento afetivo das adolescentes em relação aos familiares é um dos fatores que contribui para sustentar o medo de expor uma situação de abuso, mas que também pode ser uma problemática intrafamiliar.

Ainda segundo a pesquisa de Rodrigues, Brino & Williams (2006) as concepções sobre sexualidade de adolescentes vítimas de abuso sexual foram comparadas com as de adolescentes não vítimas e identificou-se que o primeiro grupo demonstrou mais medo de se envolver com indivíduos do sexo oposto e do ato sexual propriamente dito.

As adolescentes vítimas de abuso também relataram sentir-se incomodadas ao serem tocadas por um parceiro em partes íntimas do corpo, elas demonstraram uma percepção negativa em relação ao sexo masculino, descrevendo-os como “interesseiro, safado, aproveitador” (Rodrigues, Brino & Williams, 2006).

Em consonância com esse estudo acima temos segundo os dados da pesquisa de Arpini, Siqueira & Savegnago (2012) que a percepção das adolescentes demonstra o entendimento de que a situação de abuso é traumática, visto que o limite foi transposto, uma vez que, em sua compreensão, o abuso é decorrente de uma situação não autorizada, forçada e que, portanto, viola os direitos do indivíduo.

O abuso sexual intrafamiliar, relatado pelas meninas como o mais frequente, acaba provocando uma confusão de papéis e funções, pois a figura paterna, que deveria prover amor e proteção, torna-se a perpetradora de um ato que transgride as leis morais e a capacidade de compreensão da criança.

Em relação à idade da ocorrência do abuso, Zivney, Nash e Hulsey (1988) apontam que crianças vítimas de abuso sexual, diferem-se das crianças vítimas de abuso sexual na latência ou pré-adolescência, as primeiras teriam maiores conflitos relativos à oralidade e definição do *self*, exibindo padrões pré-edípicos de conflitos, centrando-se em dificuldades cognitivas, fronteiras do *self* e preocupações com gratificações orais e relacionais, enquanto as segundas manifestariam maior agressividade, hostilidade e medo.

2.1.2 Impactos psíquicos do abuso sexual na perspectiva da psicanálise

Podemos verificar que existe extensa contribuição de distintas áreas, mas há uma escassez de estudos baseados na compreensão psicanalítica sobre o abuso sexual (Hachet, 2006; Mess, 2001). Diante desse limite tentaremos esboçar um diagrama para pensarmos os impactos do abuso na adolescência: realizando uma definição do conceito de incesto; os impactos dessa violência; reflexões freudianas sobre a questão traumática, e contribuições genuínas de Ferenczi acerca da vivência do abuso sexual.

Cromberg (2001) diz que na maioria dos casos de incesto, os violentadores são pais ou padrastos, nesse caso a utilização de uma expressão, violência sexual incestuosa, pois o incesto fica caracterizado por terem relações sexuais entre pai e filha ou algum homem que simbolicamente ocupa para a menina/adolescente o lugar de pai, ainda que seja apenas como parceiro sexual da mãe e ainda que seu próprio pai esteja vivo, presente ou não na sua vida.

Araújo (2002) em seus estudos considera que, nos casos de violência sexual intrafamiliar, pode-se observar uma disfunção em pelo menos três níveis: o poder exercido pelo grande (forte) sobre o pequeno (fraco), a confiança que o pequeno

(dependente) tem no grande (protetor) e o uso perverso da sexualidade, na qual um se apodera do corpo do outro e o usa segundo seu desejo.

Guiter (2000) corrobora dizendo que crianças vítimas de experiências incestuosas lidam internamente com sentimentos de onipotência e, ao mesmo tempo, sentimentos de ódio, raiva e ambivalência, quando um funcionamento psíquico marcado pelo temor da ameaça constante à estrutura psíquica, temos assim os casos *borderline*, constituindo um entrave importante para o desenvolvimento psíquico.

Prado e Feres-Carneiro (2005) apontam que diante do incesto haverá uma dificuldade na capacidade de simbolizar e transformação criativa, com a construção de zonas mortas do psiquismo. Tais marcas traumáticas implicarão a destruição completa ou parcial do aparelho psíquico e do sentido de identidade pessoal, impedindo o desenvolvimento emocional. Concluem assim que as dificuldades em decorrência do abuso sexual permeiam as dimensões cognitivas, afetivas, identificatórias e relacionais das vítimas.

Segundo Cromberg (2001) o ato incestuoso, produz uma fragilização das defesas narcísicas já que ao haver uma internalização do desejo e ato sexual incestuosos, num primeiro momento vindo de fora e “sofrido” passivamente, há um segundo momento, sofrido também passivamente no qual o ataque é interno e tira de combate às defesas narcísicas que a protegeriam da invasão pelo seu mundo pulsional.

Os estudos de Finkelhor e Browne (1985) organizaram um modelo compreensivo das consequências e do impacto do abuso sexual a partir de fatores característicos das experiências traumáticas. Estes fatores determinantes definem o que os autores denominaram de dinâmica traumática e são baseados nas experiências: de sexualidade traumática, traição, submissão ao poder e estigma.

Ainda que estes elementos possam estar presentes na experiência de diversas situações traumáticas, a conjunção dos fatores nas situações de abuso sexual determina uma especificidade do abuso sexual no impacto do desenvolvimento geral das vítimas.

Segundo Malgarim e Benetti (2010) as experiências de sexualidade traumática dizem respeito aos sentimentos e às atitudes resultantes das vivências sexuais inapropriadas ao momento evolutivo do sujeito e das relações interpessoais disfuncionais que se estabelecem com o abusador. Assim de acordo com o tipo de experiência vivida pelo sujeito, seja esta passiva, ou mesmo como sedução e prazer, produzirão impactos nos desenvolvimentos emocional e cognitivo do abusado.

Para Malgarim & Benetti (2011) no caso do abuso sexual, as memórias traumáticas estarão associadas às fantasias sexuais infantis agressivas e, quanto mais precocemente ocorrer o abuso, mais sintomática será a resposta da criança em função da incapacidade do ego de organizar a experiência traumática. Por sua vez, a incapacidade de contenção afetiva, o significado e a estruturação da experiência colocam a criança numa organização caótica, que ocasiona vivências de isolamento pessoal e sintomas de ansiedade e pânico.

Ao recorrer à Freud, observamos como a questão da fantasia sexual encontra-se ligada a esse tema do traumatismo. Freud (1913) no texto *Totem e Tabu*, através do mito da horda primitiva, demonstra como foi instituído o tabu do incesto. Havia um pai tirânico, um dia os filhos se reuniram e resolveram destituir o pai de sua posição, através de um assassinato, temos assim o parricídio, mas os irmãos com medo de que a tirania voltasse a tomar conta da horda resolvem separar-se em diferentes castas, e instituíram que não poderia haver relação entre pais e filhos, para que assim houvesse uma Lei tácita sobre a parentalidade.

A maior mudança paradigmática da teoria psicanalítica tem se quando Freud na sua carta 69 para Fliess, aponta o declínio da teoria da neurose que estava apoiada somente no trauma da sedução, apontando que se assim fosse teríamos mais neuróticos que perversos, e não é era essa questão encontrada, deslocando o acento para a fantasia.

O que era apontado como uma trauma de sedução naquele momento específico? Que um fato sexual afastado da consciência, permanece como um corpo estranho (objeto externo/interno) e pode passar a ser recalçado no momento da puberdade, ou seja, quando existe um desencadeante sexual.

Para melhor esclarecer, retomaremos o caso Emma descrito no Projeto para uma psicologia para neurólogos (Freud,1895), cuja demanda seria a dificuldade de Emma em entrar em lojas. Emma inicia seu relato trazendo a cena de quando tinha 12 anos havia entrado em uma loja e dois vendedores ficam rindo, o que desencadeia a partir daí uma fobia, não entrar mais em lojas desacompanhadas. Freud então não encontra nada de estranho na cena que pudesse explicar tal fobia, a não ser o fato de que não havia motivos.

Entretanto tempos depois encontra um novo fato, aos oito anos Emma vai a uma pastelaria e recebe um beliscão do pasteleiro nas nádegas por cima do vestido, temos assim uma cena primitiva reativada pela cena encobridora.

Temos assim, que a cena A (cena primária dos oito anos) no momento de seu acontecimento era sexual para o adulto, e não sexual para criança, mas pelo excesso libidinal e por ser um corpo estranho, o que impele na emergência de sofrimento psíquico, torna-se pela cena B (cena secundária aos 12 anos) sexual e portanto deve ser recalçada, pois agora é traumática para o eu.

Dessa forma as fantasias sexuais infantis são questões psíquicas interligadas à sexualidade infantil, que rege então os processos psíquicos e não o evento da sedução de

uma criança por um adulto, o que explica porque Emma volta ao pasteleiro pela segunda vez e qual era o motivo provável do recalque patológico, ou seja, a sua atividade na situação.

A sedução, portanto, aparecerá como uma fantasia originária, o que poderíamos considerar como uma hipótese filogenética em Freud, que constitui o inconsciente e que promoveria o recalque originário, ou seja, daquilo que não foi consciente, e que atrai o recalque secundário, ou seja, aquilo que um dia foi e que deixou de sê-lo.

Entretanto a concepção de sedução proposta por Freud não parece suficiente para esclarecer, quando abusos sexuais acontecem realmente, e saber quais os impactos que isso terá no psiquismo, dessa forma buscamos a contribuição de Ferenczi, que nos mostra através de seus escritos ao focar os efeitos que a sexualidade adulta sobre a criança, redimensionando o caráter relacional.

Ferenczi (1933) no seu texto *Confusão de língua entre adultos e crianças*, retoma a ideia de trauma tal como concebida por Freud, aquele das origens, ou seja, aquele que encontrou seu fundamento na história real e na sedução infantil.

Nesse texto Ferenczi (1933) afirma que até mesmo em crianças de tradição puritana e abastadas, é possível perceber que ocorre abuso sexual, sendo muitas vezes os próprios pais que acabam por perpetrar a violência, não conseguindo encontrar substitutos para seus desejos sexuais, além disso, ressalta que as seduções incestuosas produzem-se habitualmente assim: um adulto e uma criança se amam; a criança tem fantasmas lúdicos, como manter um papel maternal em relação a um adulto.

A contribuição de Ferenczi, foi compreender que o traumatismo não era apenas o resultado de uma hipersensibilidade constitucional da criança, mas uma consequência

do choque entre a ternura da criança e as respostas passionais, eróticas ou até mesmo perversas do adulto.

Temos aqui uma noção de trauma que está relacionado a um mal entendido (no que se refere ao sentido), tendo em vista que a tendência incestuosa dos adultos é recalçada e retorna sob a égide da máscara da ternura, uma relação que sofre a operação da destituição erótica, e que se posiciona no entre a percepção do *infans*, ou seja, entre aquilo que ela fantasia a partir do Édipo, e do desejo do adulto, enquanto processo primário.

Ferenczi (1933), nos dá o primeiro panorama sobre o *modus operandi* do incesto,

“ É difícil avaliar quais são os comportamentos e os sentimentos da criança após esses atos. O primeiro movimento seria de recusa, ódio, desgosto, uma resistência violenta: “ Não, não, não quero, isso me machuca, me deixe!”. Isto, ou algo assim, seria a reação imediata se não fosse inibida por um medo intenso. (...)Esse medo, quando atinge seu ponto culminante, obriga-se automaticamente a se submeter à vontade do agressor, a adivinhar o menor de seus desejos, a obedecer esquecendo-se completamente de si, e a se identificar totalmente com o agressor. (...) Ele desaparece enquanto realidade exterior, e tornar-se intrapsíquico, mas aquilo é intrapsíquico vai ser submetido, num estado próximo do sonho – como o é o sonho traumático – ao processo primário, ou seja, o que é intrapsíquico pode, segundo o princípio do prazer, ser modelado e transformado de maneira alucinatória, positiva ou negativa. De qualquer forma, no curso do transe traumático, a criança consegue manter a situação da ternura anterior.” (p.352)

Mendes e França (2012) alertam que as fantasias edípicas podem preparar o caminho para o adulto perverso ao facilitar sua aproximação, pois a criança quer mesmo seduzir, através do ato de sentar no colo, acariciar, beijar, mas ela espera que isso retorne na mesma moeda, ou seja na linguagem da ternura, mas a sexualidade genital adulta impõe uma excitação excessiva ao corpo da criança.

Dessa forma temos que as fantasias de sedução em relação ao adulto tendem a se confundir com a realidade, provocando a emergência de um forte sentimento de culpa na criança vítima de violência, assim a sua onipotência faz com que acredite que, se foi

capaz de provocar o desejo do adulto, então deve merecer sofrer as consequências de seu próprio desejo (Mendes e França, 2012).

Desse encontro entre o desejo edipiano e a invasão do desejo perverso do adulto só brotará angústia, a função simbólica do Édipo, qual seja, a da castração simbólica, que viria sancionar a interdição incestuosa, está por si mesmo impossibilitada.

A excitação excessiva e inesperada para o corpo e o psiquismo da criança, que está despreparada para essa situação - o encontro da ternura infantil (sexualidade pré-genital) com a genitalidade do adulto - assim podemos ter uma estimulação erótica precoce, ou a própria relação genital, de qualquer modo a criança não sairá ileso desse encontro traumático.

Assim podemos perceber o surgimento de uma tendência intrapsíquica, no primeiro momento recusar essa invasão pelo objeto, e após o sentimento de culpa que leva a se identificar com o agressor para não perder o objeto, então temos uma tendência a recusa, e o medo da perda do objeto, convivendo sob a égide do processo psíquico, temos assim a operação da clivagem.

Destaca Cromberg (2001) que há uma cisão que separa a criança em duas partes: uma age como se não tivesse acontecido nada (a partir do desmentido), mantendo a situação de ternura com o agressor e até exagerando-a, para que nada falte ao agressor, enquanto a outra parte age dentro, transformando-se no agressor internamente, a qual outra parte está submetida. Encontramos aqui o mecanismo da identificação com o agressor.

A clivagem é, segundo a concepção ferenciana, uma forma defensiva de lidar com o acontecimento traumático, mas que também instaura um estado de passividade psíquica. É nesse entre que a contribuição de Ferenczi, se mostra genuína, nos indicando

o caminho a ser percorrido tanto na esfera da intervenção, quanto da compreensão da vítima de abuso.

Temos assim,

“Se a criança se restabelece de uma tal agressão, sofre uma enorme confusão; a bem da verdade já uma clivagem, ela ao mesmo tempo é culpada e inocente, a confiança no testemunho de seus próprios sentidos está quebrada. Acrescente-se aí o comportamento grosseiro do adulto, ainda mais irritado e atormentado pelo remorso, o que torna a criança ainda mais profundamente consciente de seu erro e ainda mais envergonhada. Quase sempre o agressor se comporta como se não fosse nada, e se consola com a ideia: ‘Ora, é apenas uma criança, ainda não sabe nada, esquecerá tudo isto’, Depois de um acontecimento assim, não é raro ver o sedutor aderir a uma moral rígida ou a princípios religiosos, esforçando-se com isso em salvar a alma da criança. Geralmente, as relações com uma segunda pessoa de confiança – a mãe por exemplo – não são suficientemente íntimas para que a criança possa aí encontrar ajuda; algumas tênues tentativas neste sentido são repelidas pela mãe como tolices. A criança que sofreu abuso torna-se um ser mecanicamente obediente, ou teimosa; mas não se dá mais conta das razões desta atitude. Sua vida sexual não se desenvolve ou toma formas perversas; não falarei aqui das neuroses e psicoses que podem daí resultar (Ferenczi, 1933, pg. 352)

A criança sente que é mais seguro aceitar o sentimento de culpa do que abrir mão do adulto que “ama” e, através da permanência do objeto amado, tenta recuperar o estado de ternura anterior ao trauma (Perón, 2007). O adulto por sua vez, opera através do desmentido, que coloca em dúvida o que aconteceu, e a criança hesita a respeito de sua própria percepção. Ignorando os pedidos de ajuda da criança quer, seja o abusador, quer seja o adulto não abusador, os impactos psíquicos serão a instauração do sentimento de culpa, e a necessidade emergente de apagar esses acontecimentos.

Ferenczi (1933) diz que a personalidade ainda tenuamente desenvolvida reage ao brusco desprazer, não pela defesa, mas pela identificação ansiosa e a introjeção daquele que a ameaça ou agride, na clivagem da personalidade está uma situação insuportável e extremamente aflitiva, capaz de desencadear intensas crises de angústia acompanhadas por perdas de consciência.

Assim temos que a identificação antecede a defesa, porque o eu foi tomado de surpresa em um momento em que não tem meios eficazes de se defender, e que a identificação com o agressor é uma saída que a criança encontra para se defender, mas a clivagem já está imposta, há um temor de um perigo exterior, e simultaneamente de um perigo interior.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001) o mecanismo de identificação com o agressor se caracteriza como:

“ mecanismo de defesa isolado e descrito por Anna Freud em 1936, o sujeito confrontado com um perigo exterior (...), identifica-se com o seu agressor, ou assumindo por sua própria conta a agressão enquanto tal, ou imitando física ou moralmente a pessoa do agressor.” (pg. 230)

Na descrição de Ferenczi, a identificação com o agressor acontece quando o medo da criança diante da autoridade e da força do adulto chega ao ponto de provocar uma perda da consciência que paralisa as reações normais de repulsa ou resistência à agressão e impossibilita o recurso a qualquer tipo de defesa contra o desprazer (Mendes e França, 2012).

Tal identificação operando através da clivagem instala duas representações no psiquismo: de um lado a criança abusada e maltratada, que representa o ego fragilizado, e de outro lado o agressor, atuando como um superego sádico.

Segundo Mendes e França (2012) teremos os seguintes impactos, essa identificação com o agressor, obrigará o ego a seguir os comando do invasor para tentar se livrar de sua tirânica invasão, representando a compulsão à repetição do trauma, ou seja, para tentar se livrar, a projeção advirá e nos encontros possíveis agirá também de forma sádica, e violenta com outro objeto.

Assim só restará diante do agressor, a submissão e a obediência, a reedição da cena traumática na qual originalmente, foi obrigado a se calar para garantir a sobrevivência, temos aí o ato.

Por fim Ferenczi (1933) nos diz que,

“ a criança que sofreu uma agressão sexual pode repentinamente, sob a pressão da urgência traumática, desenvolver todas as emoções de um adulto já maduro, as faculdades potenciais para o casamento, a paternidade, a maternidade, faculdades virtualmente pré-formadas nela. Pode-se então, falar simplesmente, para opô-la à regressão de que falamos habitualmente, de progressão traumática patológica ou de pré-maturação patológica. Penso nos frutos que ficam maduros rápido demais, e saborosos, quando o bico de um pássaro os feriu e na maturidade precoce de um fruto bichado. No plano não só emocional, mas também intelectual, o choque pode permitir a uma parte da pessoa amadurecer subitamente. Lembro o sonho típico do neném sábio, que eu isolei a tantos ñões, no qual um recém nascido, uma criança ainda de berço, se põe a falar subitamente e até a ensinar sabedoria para toda família. O medo diante dos adultos irritados, enlouquecidos de certa forma, transforma por assim dizer a criança em psiquiatra; para se proteger do perigo que representam os adultos sem controle, ela deve primeiramente saber se identificar inteiramente com eles. É incrível o que podemos apreender com nossas ‘crianças sábias’, os neuróticos.” (p.354)

Para Mendes e França (2012), Ferenczi alerta para o fato de que quando uma situação traumática acontece, acaba por despertar na criança capacidades que só deveriam se manifestar na idade adulta, essa resposta ao choque ocorre não só no plano emocional, mas também no intelectual.

Logo, a noção de trauma em Ferenczi nos auxilia a compreender o quanto a vítima precisa ressignificar a experiência vivida, o conceito de desmentido nos faz compreender que a negação do evento traumático não é efetuada pelo sujeito, mas pelos adultos à sua volta, que desacreditam, negam e desvalorizam o ocorrido com a vítima, implicando numa dificuldade de inscrição psíquica do acontecido. Portanto, é a falta de uma testemunha que torna o evento inenarrável e traumático.

2.2. Avaliação psicológica da criança e do adolescente abusados sexualmente

Segundo Primi (2010) “a avaliação é muitas vezes identificada com um segmento particular da psicologia dedicado à criação de instrumentos e técnica, a criação de instrumentos privilegia a objetivação de teorias psicológicas” (pg.25)

Entretanto avaliação psicológica e instrumentos psicológicos são distintos, enquanto a primeira se constitui com uma busca sistemática e compreensiva do funcionamento psíquico dos sujeitos, para tomada de decisões interventivas para resolução de problemáticas específicas, o segundo se constitui a partir dos procedimentos escolhidos para coleta de dados, portanto enquanto componente da avaliação, e não como a própria avaliação.

Sendo o abuso sexual um fenômeno complexo e que tem impactos em várias áreas do desenvolvimento cognitivo, afetivo e social, a realização de pesquisas de avaliação psicológica das vítimas tem seus desafios. Como se refere Vitiello (1989) é muito difícil estabelecer a frequência com que ocorre a vitimização sexual, devido ao silêncio que se estabelece em torno do fato.

Muitas pesquisas com relação a avaliação psicológica de crianças e adolescentes tem sido realizadas, para avaliar a formação do vínculo entre psicólogo e vítima, revelação do abuso e identificação de sintomas psicológicos decorrentes (Habigzang, Corte, Hatzenberg, Stroehrer & Koller, 2008); avaliação pericial sobre a validade da revelação (Gava, Pelisoli & Dell’Aglia, 2013)

Stovall e Craig (1990) realizaram um estudo utilizando para avaliação das histórias do TAT duas escalas a *Internalized Objetc Relations Scale* de Taylor & Franzen de 1986 e o *Aron Scale* de 1949, que servem para medir auto ou hetero agressão. O estudo foi delineado a partir de três grupos (grupo de abusos físicos, grupo de abuso sexual e grupo controle sem nenhum tipo de violência), segundo os

pesquisadores não havia diferença entre a percepção de si e dos outros entre os grupos que experienciaram violência e aqueles que não sofreram, no entanto havia uma grande diferença entre os que sofreram abusos físicos e os que sofreram violência sexual.

Ornduff, Freedendfeld, Kelsey & Critelli (1994) compararam 17 adolescentes vítimas de abuso sexual, com um grupo controle de 25 adolescentes da mesma idade. Para avaliação psicológica utilizaram o TAT fazendo a avaliação das histórias utilizando o protocolo *Object Relations Scoring System* de Western, Lohr, Silk, Kerber & Goodrich de 1985, nessa escala quatro dimensões das relações objetais são avaliadas: (1) complexidade da representação das pessoas; (2) tonalidade dos afetos nas relações; (3) capacidade de investimento emocional em relações afetivas e (4) análise das situações sociais. Nesse estudo ficou claro a discrepância entre as histórias de crianças abusadas e não abusadas apontando as dificuldades relacionais do grupo de crianças abusadas.

No estudo de Pistole e Ornduff (1994) foram avaliadas 30 adolescentes abusadas sexualmente e 30 não sexualmente abusadas, de idades entre 06 anos até 16 anos. A avaliação das histórias utilizaram o *Scoring Scheme* e o *Verbal Projectives*, que avaliam o uso da linguagem criados por Fine em 1955. Esse estudo verificou a existência de dois temas verbais principais: (1) preocupação sexual e (2) culpa, permitindo diferenciar abuso sexual do grupo controle.

Henderson (1990) avaliou 56 adolescentes entre quatro e dezesseis anos sexualmente abusadas, e 56 adolescentes da mesma faixa etária para o grupo controle. Nesse estudo nas adolescentes abusadas pelos pais questões como: ambivalência entre afeição e sexualização, hostilidade, rivalidade e resistência para relações afetivas, enquanto nas adolescentes não abusadas não foram encontradas tais características.

West (1998) realizou um estudo de Meta Análise da avaliação da eficácia de técnicas projetivas para discriminar abuso sexual de crianças. Segundo a meta-análise realizada todos os dezesseis estudos chegaram a uma conclusão comum, técnicas projetivas podem identificar crianças que tiveram abuso sexual ou físico, de crianças que não tiveram essas experiências, além das técnicas projetivas serem mais efetivas para avaliar questões psicodinâmicas do sujeito em situação de violência.

Segundo West (1998) essa meta análise sugere que a qualidade das consequências psicopatológicas depende da natureza do abuso (físico, sexual, psicológico, ou ambos), a idade em que o abuso aconteceu, quantidade de vezes, quantidade de perpetradores, e a duração do abuso.

West (1998) sugere que baterias de testes projetivos podem ser utilizados para identificar abuso sexual, tendo em vista que os mesmos podem obter uma imagem do material inconsciente e do funcionamento profundo.

No Brasil temos os estudos de Tardivo, Pinto Júnior & Santos (2005) com avaliação de crianças vítimas de violência através das Fábulas de Düss. O teste foi aplicado em 13 crianças (8 meninos e 5 meninas), entre 4 e 11 anos, vítimas de violência doméstica física e/ou sexual. Com base nos dados apresentados neste estudo piloto, foi verificado que através do teste das Fábulas de Düss as crianças poderiam comunicar simbolicamente o quão danosa e perigosa poderia estar sendo a vivência no lar, com ênfase nos casos de crianças que sofreram algum tipo de violência doméstica.

Fonseca e Capitão (2005) realizaram um estudo com DFH e CAT-A, foram avaliadas 30 crianças de ambos os sexos com idades entre seis e dez anos, sendo dois grupos de quinze crianças. Os autores utilizaram medidas estatísticas para discriminar o grupo clínico do grupo controle e detectar a presença de indicadores de violência sexual,

mas salientaram a necessidade de que outros estudos sejam realizadas inclusive com medidas qualitativas.

Jung (2006) realizou um estudo, com as provas de Rorschach com a participação de 6 crianças de ambos os sexos, com idades entre 4 e 11 anos. O objetivo do estudo era perceber através das respostas dos conteúdos A e H, como representam pessoas e a convivência interpessoal. A autora encontrou como resultado específico desse estudo, a predominância de percepções diabólicas, agressivas e negativas sobre as simbólicas, positivas e lúdicas, bem como grande quantidade de percepções humanas e animais, marcadas pela agressividade e destrutividade, indicando a possibilidade de ocorrer a identificação com o agressor. Concluindo que as representações negativadas em excesso trarão dificuldades de estabelecer um relacionamento interpessoal positivo e prazeroso.

No estudo de Pacheco com o teste de conto de fadas (2011) foram avaliadas 64 crianças, de idades entre seis anos e onze anos, sendo 32 com histórico de violência e 32 sem histórico de violência. As conclusões desse trabalho apontam que o teste é capaz de distinguir narrativas relativas a preocupação sexual, e labilidade emocional com os personagens das histórias em contrapartida as crianças não abusadas.

Albornoz (2011) realizou uma investigação com o DFH para captar a presença de indicadores emocionais para abuso sexual ou físico, foram avaliadas 378 crianças e adolescentes com idades entre 6 e 17 anos, abrigadas. Dois grupos foram constituídos, o grupo clínico (que sofreu violência) com 281 sujeitos e o grupo controle com 97 crianças. Foi percebido no grupo clínico em discrepância ao grupo controle a presença do corpo para chamar a atenção e expressar sensualidade, além da presença do indicadores de pernas juntas, mãos grandes e genitais presentes mais do que no grupo que não sofreu violência.

Malgarim e Benetti (2011) buscou compreender os processos mentais relativos ao funcionamento psíquico de vítimas de abuso sexual, a partir da perspectiva da teoria psicanalítica, além do impacto do processo traumático no funcionamento psíquico de dois casos de meninas em atendimento em um centro especializado para vítimas de abuso sexual. Para tal, foram utilizadas entrevistas de Hora de Jogo Diagnóstica e testes projetivos, como o Rorschach e o teste do desenho *House-Tree-Person*. Verificou-se que o funcionamento das meninas se caracterizava por uma dinâmica psíquica dissociativa de enfrentamento do trauma e por um processo identificatório ambivalente, que afetava a capacidade simbólica dos sujeitos. Em conclusão, o atendimento psicoterápico às vítimas de abuso sexual é um recurso indispensável no âmbito da saúde mental.

Scortegagna e Villemor-Amaral (2012) avaliaram adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 10 e 14 anos vítimas de abuso sexual, com o uso da técnica de Rorschach no Sistema Compreensivo, o que permitiu verificar a presença de uma autopercepção distorcida e autoestima rebaixada nas vítimas, que podem ser decorrentes do processo de vitimização. Os resultados são consistentes e validaram estudos anteriores que apoiam a validade do uso do Rorschach na avaliação de vítimas de abuso sexual.

Em síntese, os estudos no contexto da avaliação psicológica do abuso sexual são diversos e utilizam vários instrumentos. No entanto, observa-se que com o Teste de Apercepção Temática na versão tradicional, ou na Abordagem Psicanalítica, bem como com o Procedimento Desenho Estória com Família, as pesquisas são escassas.

CAPÍTULO III

SOBRE O MÉTODO

O presente estudo utilizou como metodologia, estudo com grupo único conforme proposto por Husain (1993) que propõe a realização de técnicas projetivas com uma amostra de um único grupo clínico com a mesma sintomatologia, com o objetivo de buscar as variações do funcionamento psíquico dentro de uma mesma problemática.

O pressuposto é de com o recurso aos métodos projetivos, é possível explorar uma amostra clínica constituída por semelhantes possibilitando a descrição do funcionamento psíquico, tendo em vista que os instrumentos buscam um diagnóstico das várias organizações de personalidade, ocasionando de modo indireto vários estudos de caso a partir de um único grupo clínico.

Segundo Gil (2006) os propósitos do estudo de caso podem ser variados. Dentre eles podemos citar: explorar situações da vida real, preservar o caráter singular do objeto estudado, descrever a situação do contexto em que está sendo feita a pesquisa; formular e desenvolver hipóteses e teorias; e poder explicar variáveis que não podem ser contempladas em estudos experimentais ou de levantamento.

Contudo, ressalta o autor supracitado, que embora o estudo de caso forneça flexibilidade na metodologia, ele não deve ser tomado como a possibilidade de ser aplicado a qualquer estudo, visto ser um procedimento difícil, complexo, que exige aprofundamento do pesquisador.

3.1 Participantes

Participaram da pesquisa quatro adolescentes do sexo feminino, sem grau de escolaridade específico, com idades entre 12 a 17 anos. As adolescentes foram encaminhadas para instituição específica de atendimento às vítimas de violência, com comprovação de abuso sexual intrafamiliar e estavam aguardando atendimento. Elas assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido, e não apresentavam déficit cognitivo e não tinham sofrido abuso sexual extrafamiliar.

O caso I - Silvia (nome fictício), 16 anos é a filha mais velha de um casal com três filhos, os abusos começaram quando ela tinha 8 anos de idade e forma até os 14 anos, a mesma foi abusada pelo avó paterno enquanto criança, pelo primo após os dez anos, e pelo pai na adolescência, só finalizando os abusos quando a mesma se mudou da cidade onde morava para a capital. O caso II - Cláudia (nome fictício), a adolescente tem 12 anos, sofreu abuso pelo padrasto e depois do marido da avó materna, oito meses atrás. O caso III – Suellen (nome fictício), 16 anos, filha única, sofreu abuso sexual pelo padrasto, quando tinha 15 anos, o mesmo chegou a tirar fotos nuas da adolescente, postar na internet, além de ter efetivado conjunção carnal. A adolescente informou que a sua mãe não acreditou na revelação da filha e que somente após um ataque de pânico a mãe passou a acreditar que algo estava acontecendo. O caso IV - Joana (nome fictício), adolescente de 16 anos, sofreu abuso sexual desde os 8 anos de idade, pelo padrasto pelo período de quatro anos, o que resultou em uma gravidez.

3.2 Instrumentos

Na pesquisa foram utilizadas para coleta de dados os métodos projetivos. A expressão ‘métodos projetivos’ está em consonância com o termo freudiano de

projeção, mas utilizado de outra forma que não em sua configuração original, que seria como um mecanismo de defesa, mas definido enquanto um processo pelo qual novas experiências são assimiladas e transformadas por resíduos da experiência passada de um indivíduo, para formar uma nova totalidade. (Bellak, 1967, pg.27)

Segundo Chabert (2004) o objetivo das provas projetivas é permitir um estudo do funcionamento psíquico individual numa perspectiva dinâmica, ou seja, esforçando-se em apreciar tanto as condutas psíquicas possíveis de serem localizadas, como suas articulações singulares e suas potencialidades de mudança. Ao mesmo tempo que o material é concreto e ambíguo, as técnicas projetivas solicitam associações verbais, que hipotetizam o modo do funcionamento psíquico do sujeito.

Dois instrumentos foram privilegiados na pesquisa: o Desenho da Família com Estórias e o TAT na abordagem francesa.

1º) Desenho da Família com Estórias – foi utilizado para avaliação das relações familiares, solicita-se que o sujeito faça quatro desenhos da família e crie uma estória a partir de cada desenho.

O Procedimento Desenho de Famílias com Estórias (DF-E) tem sua origem a partir do Procedimento de Desenho-Estórias (D-E) que começou a ser desenvolvido na década de 70 por Walter Trinca no Instituto de Psicologia de São Paulo, e sua versão final apresentada enquanto uma técnica de compreensão no ano de 1986.

Segundo Trinca (2013) a natureza e as características dessa técnica de investigação da personalidade consiste na aplicação e na interpretação de uma série de quatro desenhos de família, cromáticos ou acromáticos.

O DF-E se constitui enquanto uma abordagem inicial, panorâmica e extensiva da dinâmica familiar, além de compreender os modos de vinculação existentes e que afetam diretamente o sujeito em situação de avaliação psicológica.

Segundo Trinca (2013) o DF-E é válido para a detecção das constantes do funcionamento mental do examinando, que se referem a conflitos e perturbações psíquicas, relacionados ou não a determinantes familiares. No contexto avaliativo, o DF-E se torna um meio auxiliar para investigação de aspectos da personalidade e deve ser compreendido com de demais informações disponíveis para contextualização.

Para Lima (2013) uma das principais características do DF-E tem sido detectar angústias inconscientes que estão presentes nas relações de objeto da pessoa, com ênfase nos aspectos afetivos das relações familiares. Constituindo-se portanto, como ferramenta compreensiva e dinâmica, de como as relações familiares são internalizadas, principalmente por ser a família um grande organizador psíquico.

A família é um dos núcleos organizadores da vida psíquica, o lugar onde realizasse a experiência de existir como um ser em si mesmo, representa a primeira vivência de contato com o mundo, pelo toque, o olhar, as sensações, o amor, o prazer e a frustração. Sem dúvida os pais são os suportes em que a criança deposita seus afetos e ansiedades, seus primeiros objetos de relação, que constituirão modelos para o resto da vida.

Segundo Lima (2013) o DF-E é um dos poucos recursos de que dispomos para observação desses conteúdos inconscientes, que estão presentes em cada um dos componentes do contexto familiar. Além de permitir a comparação da história familiar construída conscientemente pelo sujeito com a expressão de seus conflitos inconscientes.

O método consiste em uma sequência de quatro desenhos de família com as respectivas histórias e os títulos; cada conjunto de desenho-história denomina-se unidade de produção, obedecendo-se a seguinte ordem: 1) desenhe uma família qualquer; 2)

desenhe uma família que você gostaria de ter; 3) desenhe uma família em que alguém não está bem; 4) desenhe a sua família.

Após a produção das unidades gráficas, procedemos o inquérito que se constitui de esclarecimentos necessários à compreensão e à interpretação, tanto dos desenhos quanto das estórias, esse momento de verbalizações possibilita o sujeito expressar suas fantasias, as perguntas devem ser amplas, sempre explorando o tipo de relação entre os personagens, seus sentimentos e pensamentos, finalizado o inquérito, solicita-se ao sujeito que acrescente um título ao desenho, e que de modo geral sintetize sobre a produção do desenho.

Para análise das produções, segundo Lima (2013) a interpretação segue um modelo psicanalítico, é realizado de modo globalístico, levando-se em conta o conjunto das unidades de produção. No que se refere ao grafismo, as figuras humanas não são analisadas em seus detalhes, apenas os aspectos gerais, só incluindo detalhes quando estes se sobressaírem de alguma forma.

2º) O Teste de Apercepção Temática foi criado por Henry Murray e Cristina D. Morgan, nos Estados Unidos, em 1935. A forma definitiva do teste com 31 cartões foi publicado no ano de 1943. O TAT é composto por 31 estímulos figurativos, com cenas em que aparecem personagens humanas em diversas situações, os dez primeiros estímulos são mais definidos e realistas, ao passo que os dez últimos, bem menos estruturados apresentando uma atmosfera de natureza mais onírica.

A escolha dos estímulos foi feita empiricamente, foram usadas fotografias de telas expostas em museus, anúncios publicados em revistas, fotos de filmes e de outras fontes, além de imagens desenhadas pela própria Christiana Morgan e pelo artista plástico Samuel Thal, ou por eles redesenhadas para assegurar um estilo uniforme.

Os autores acreditavam que as histórias eliciadas por esses estímulos revelam as principais preocupações do indivíduo algumas tendência inconscientes subjacentes, mostrando as situações e relações que sugerem ao indivíduo temor, desejos, dificuldades, assim como as necessidades e pressões fundamentais na dinâmica subjacente de sua personalidade (Silva, 1983).

Para interpretar o material, Murray distingue a análise formal e a análise de conteúdo do protocolo, a análise formal estuda a organização, o estilo, a riqueza das formulações com o objetivo de obter informações sobre as qualidades intelectuais do sujeito. A análise de conteúdo articula-se em torno de cinco pontos: motivações, fatores internos e traços gerais do herói; forças do meio exercendo uma influência sobre o herói; desenvolvimento e desfecho da história; análise de temas; interesses e sentimentos.

O TAT - Teste de Apercepção Temática, está sendo utilizada para o presente trabalho na abordagem francesa a partir dos estudos de Sentoub (1953) e Chabert e Brelet-Foulard (2005). Foram apresentados 18 cartões, e que tem por objetivo verificar as questões relativas a identidade/identificação e as relações objetais. Para cada cartão deve ser anotados o tempo de latência, e o tempo total (entre a apresentação do cartão e o fim do relato do sujeito). Após a tomada das narrações passa-se para prova das escolhas, pedindo ao sujeito para escolher os dois cartões que ele mais gostou e os dois que ele menos gostou, lhe perguntando o porquê. A escola francesa pressupõe que esse material seja analisado à luz de um protocolo pré-estabelecido a partir das pesquisas de Shentoub e que objetiva verificar o modo de funcionamento e das relações de objeto do conteúdo do sujeito.

Na França teve início desde 1953, os estudos de Vica Shentoub, tais estudos articulavam os protocolos do TAT com conceitos essenciais da metapsicologia freudiana com respeito ao aparelho psíquico e ao seu funcionamento.

Segundo Brelet-Fourlad e Chabert (2005) propõe situar a história-TAT em um continuum, cuja fonte seria o fantasma inconsciente, e que iria do sonho ao produto cognitivo. Assim o fantasma inconsciente se apresenta de forma latente e permanente, ou seja, é como se a vivência da prova de TAT, possibilitasse a reatualização de modo subliminar de traços singulares do sujeito, e que se apresentam reprimidos.

Assim o TAT proposto por Shentoub e R. Debray propõe através dos cartões que reatualizam a vivência edípica, mas articulada com os diferentes fantasmas, a organização do discurso, bem como as operações psíquicas mobilizadas pelo processo associativo que remontam a estrutura dinâmica do sujeito.

Segundo Chabert (2005) a sequência dessas pesquisas coordenadas pela Escola de Paris, permitiu um aprofundamento dos procedimentos de análise graças às modificações sucessivas da criação da folha de cotação do TAT, que se constitui o principal instrumento desse trabalho, base de interpretação do protocolo.

Brelet-Fourlad e Chabert (2005) sugerem que o TAT faz apelo a um linguajar sequencial, fiel à própria lógica de cada língua, isso torna essa prova projetiva particularmente sensível às formas de pensamento do sujeito.

Segundo Chabert (2005) o processo da narração no TAT passa pelas seguintes etapas: 1. Percepção do conteúdo manifesto da imagem; 2. Solicitações inconscientes pelos conteúdos latentes da imagem traduzidos em termos de afetos e de representações; 3. Assimilação mais organizada dessas representações-afetos inconscientes, o pré-consciente deve encarregar-se de encontrar as palavras adequadas a essas representações-afetos;

O método da escola francesa, apresenta uma variância em relação ao TAT proposto por Murray, segundo Brelet-Fourlad e Chabert (2005), os cartões considerados como os mais pertinentes e mais significativos são os cartões 1, 2, 3RH, 4 e 5, propostos de forma universal; 6RH, 7RH e 8RH proposto aos meninos e homens; 6MF, 7MF, 9MF, proposto às meninas e mulheres, 10, 11, 12RM, 13R, 19 e 16 propostos novamente de maneira universal, e de modo particular sendo respeitada a aplicação da prancha 16 no final da avaliação.

Para fins de avaliação é necessário que se anote o tempo de latência (que é o tempo entre a apresentação do estímulo e o início da história) e o tempo total por cartão, ou seja, a narrativa completa do sujeito, que deverá ser anotada de forma integral a partir da narração do sujeito. Por fim, uma vez terminada a aplicação, é requerido o trabalho de cotação, ou seja, da interpretação quantitativa e qualitativa do protocolo.

Para este trabalho foram utilizadas as pranchas 1, 2, 3RH, 4, 5, 6MF, 7MF, 9MF, 10, 11, 12RM, 13R, 19 e 16, como é proposto o jogo francês para o trabalho com meninas adolescentes.

3.3 Procedimentos para coleta dos dados

A presente pesquisa foi realizada em instituição especializada em atendimento às vítimas de violência sexual. Essa instituição recebe vítimas comprovadas de violência sexual, física ou psicológica, a partir dos encaminhamentos da delegacia da mulher, do Conselho Tutelar, Ministério Público, ou Juizado da Infância e Juventude. O acolhimento é realizado pelos profissionais de serviço social, que fazem os primeiros encaminhamentos do caso, posteriormente para a equipe de psicologia.

A primeira avaliação solicitada da equipe de psicologia foi para que averiguassem os casos de violência sexual intrafamiliar e comunicassem ao pesquisador

para que pudessem constituir o grupo de pesquisa, entretanto contamos com uma grande dificuldade referente à própria característica da população atendida, que muitas vezes não compareciam para a entrevista inicial de explicação da pesquisa. Esse aspecto além de outros contratemplos, trouxe muitas dificuldades para a realização da pesquisa. No meio da pesquisa a instituição mudou de endereço o que também inviabilizou por quatro meses o prosseguimento da pesquisa, com a paralisação do serviço.

Contudo desde o início houve a cooperação institucional, bem como de todos os profissionais de serviço social, da psicologia e dos educadores sociais, que são os responsáveis diretos pelo agendamento dos casos, para auxiliar manutenção da pesquisa.

A coordenadora da instituição emitiu termo de consentimento institucional da pesquisa, além da permissão do uso do espaço institucional para realização da pesquisa.

O processo de coleta de dados se desenvolveu dentro dos parâmetros éticos e técnicos exigidos pela Avaliação Psicológica, sendo utilizadas as seguintes técnicas projetivas: TAT – Teste de Apercepção Temática e o Procedimento Desenho Família com Estórias, bem como Entrevistas Clínicas anteriores e posteriores com a figura não abusiva e as adolescentes. As sessões tiveram as seguintes características, anamnese com o responsável, com assinatura de TCLE; entrevista clínica com as vítimas e consentimento para participação da pesquisa. Foram delimitadas no máximo três sessões para avaliação psicológica, e após o termino das avaliações os sujeitos foram encaminhados para atendimento psicológico dentro da própria instituição.

Quanto aos procedimentos éticos, todos os procedimentos de entrevista com finalidade de pesquisas com as famílias estavam de acordo com as resoluções 196 do Conselho Nacional de Saúde. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade de Brasília e pelo CONEP, aprovado pelo CAAE nº 18254714.0.0000.5540. Levando-se em consideração que as participantes da pesquisa

são menores de idade, os responsáveis por elas assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido (Anexo I) para que, assim, estivessem cientes dos objetivos do estudo e da importância de sua colaboração, bem como das demais questões referentes à ética e à confiabilidade. As adolescentes também foram consultadas quanto ao interesse em participar do trabalho. A partir da coleta de dados (avaliação), os sujeitos foram encaminhados para atendimento psicoterápico.

3.4 Procedimento para análise dos dados

Para análise dos dados do DF-E , utilizou-se como normativa os itens especificados por Trinca (1997/2000) que sugere alguns itens: a) características peculiares das figuras paterna e/ou materna; b) tipos de vínculo e formas de interação com as figuras parentais; c) trocas sexuais e afetivas entre as figuras parentais; d) relacionamento com figuras fraternas e outras figuras do meio familiar; e) determinantes da estrutura e da dinâmica familiar; f) forças psicopatológicas e psicopatogênicas existentes na família; g) eventos familiares reveladores de conflitos e dificuldades; h) pontos centralizados de conflitos e dificuldades no examinando; i) descrição que o examinando faz de si próprio; j) atitudes para com a vida e a sociedade; l) tendências, necessidades e desejos; m) tonalidades das angústias e das fantasias inconscientes predominantes; n) características das forças de vida e de destrutividade; o) mecanismos de defesa; p) fatores de aquisição da individualidade e de integração do self; q) outras áreas de experiência emocional.

Para o TAT utilizou-se a abordagem francesa, a análise desse material, foi realizada à luz de um protocolo pré-estabelecido a partir das pesquisas de Shentoub

(Anexo II) que objetiva verificar o modo de funcionamento estrutural e das relações de objeto à partir do conteúdo das histórias do sujeito.

CAPÍTULO IV

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: DO ESTUDO DE CASO INDIVIDUAL À CONSIDERAÇÕES SOBRE O ÉDIPO E IDENTIFICAÇÃO NO ABUSO SEXUAL INCESTUOSO

Para a discussão de resultados apresentaremos os quatro casos avaliados com as técnicas projetivas, caracterizando os dados gerais de cada situação de abuso. Para cada caso será apresentado a síntese qualitativa do protocolo do TAT, bem como os desenhos e a síntese qualitativa do DF-E, após essa apresentação, discutiremos à luz da teoria as fraturas edipianas encontradas nos protocolos, bem como as problemáticas identificatórias encontradas nos estudos de caso.

4.1. Resultados e discussão dos casos clínicos

CASO 1 - SILVIA

História clínica

Os abusos sexuais tiveram início quando Silvia tinha 06 anos, com o avô paterno. Por ele ser viúvo, aos pais pediam que Silvia dormisse na casa dele, e assim os abusos aconteciam, por vezes também acontecia dele dormir na casa da vítima, e após os pais dormirem ele cometia os abusos. Segundo Silvia, muitas vezes havia toque nos seios, e o mesmo dava presentes em troca do silêncio. Os abusos desse avô continuaram até os 10 anos de idade e somente pararam, segundo informado pela mesma, a partir da ameaça de revelação. Nessa mesma época um primo realizou um segundo abuso: os pais estavam trabalhando e ele estava indo para esse local, o rio estava cheio, Silvia então

resolveu o acompanhar, no percurso havia um caminho, no qual acabou acontecendo o abuso. O último abuso aconteceu quando a mesma tinha 14 anos, o pai ficava cercado a mesma, oferecendo dinheiro, obrigava a sentar no colo dele, deitava nas pernas de Silvia, sempre sugeria que ficassem sozinhos sem a presença da mãe. Uma vez quando Silvia relatou para a irmã mais velha essa situação, ele ouviu e acabou colocando a mesma de castigo, disse que não era para contar o que eles conversavam sozinhos para ninguém. O pai tinha muito ciúmes de Silvia, não deixando ela se envolver com ninguém, sempre ficava olhando a mesma tomar banho, não permitia que ela saísse de casa com os amigos, apenas para escola. Em um determinado momento, pediu para que ela abrisse uma conta bancária escondido da mãe pra ele depositar dinheiro. Silvia afirma que desejava a morte do pai, ou que a mãe o abandone, porém isso nunca aconteceu. Os abusos só pararam depois que a mesma saiu de casa, já não suportando mais a situação em que se encontrava.

PROTOCOLO TAT

Cotação geral do TAT

Série	Sub categorias	Total parcial	Total da série
A (RIGIDEZ):	A1-1++++++ (Referência à realidade externa)	06	42
	A2-1+ A2-2+ A2-3+ (Investimento da Realidade Interna)	03	
	A3-1++++++ A3-4++++ (Procedimentos de tipo obsessivo)	33	
B (LABILIDADE):	B1-3+++++ (Investimento da relação)	05	07
	B2-4+ (Dramatização)	01	
	B3-2+ (Procedimento de tipo histérico)	01	

C (EVITAÇÃO DO CONFLITO)	(Superinvestimento da realidade externa)	00	30
	CI-1+++++++ CI-2+++++ (Inibição)	22	
	CN-1+ CN-2++ (Investimento narcísico)	03	
	CL-2+ CL-4+ (Instabilidade dos limites)	02	
	CM-1+++ (Procedimentos antidepressivos)	03	
E (EMERGÊNCIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS)	E1-1++ E1-4+ (Alteração da percepção)	11	20
	E2-2+ (Utilização maciça da projeção)	01	
	E3-1++ (Desorganização das demarcações identitárias e objetais)	02	
	E4-1+++++	06	

A partir da Cotação e da Análise Qualitativa das narrativas - TAT de Silvia, apreendemos que ela tenta a todo custo evitar entrar em contato com o conflito e a angústia que lhe é concernente através do uso maciço dos processos de evitação do conflito; bem como dos procedimentos de tipo obsessivo, entretanto, tais recursos não logram êxito pois a emergência das séries de processos primários, a partir da alteração da percepção e desorganização das demarcações identitárias e objetais, e os distúrbios de sintaxe ligadas aos processos secundários, demarcam sua dificuldade na relação eu/outro.

A configuração edípica pode ser analisada nas histórias relatadas nas pranchas 2, 4 e 6MF.

Prancha 2

Parece ^{A3-1} uma cidade, duas mulheres, uma de baixa sociedade, e outra da alta, mais limpa, com um livro ^{A1-1} (Do início da história até aqui); a outra tá grávida tá com a barriga grande ^{A1-1} (pausa longa) ^{CI-1} , mostra a realidade de duas pessoas.	Procedimentos de tipo obsessivo (A3-1) associados à referência à realidade externa (A1-1) e aos procedimentos de evitação do conflito (CI-1) e a apresentação de alteração da percepção (E1-4), bem como a instabilidade dos limites durante toda a narrativa (CL-4). A descrição de
--	--

<p>(pausa longa)^{CI-1} parece que tá suja, abatida, cansada.^{E1-4} A que tá limpa não parece feliz^{A2-3}, mas ^{A3-1}parece centrada, é isso.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A prancha como um todo CL4 (clivagem) 	<p>uma relação especular entre duas mulheres que evoca a problemática da identificação com o feminino, mas com a operação da clivagem, parte dessa problemática é internalizada, mas anulada pela evitação do conflito, e a outra parte aderida à realidade externa pelo uso de procedimentos de rigidez.</p>
--	---

Prancha 4

<p>Esse homem parece^{A3-1} chateado^{B1-3}, irritado, que essa mulher que fez isso para ele^{E4-1}, ela está puxando ele para explicar^{CI-2}, mas tem uma mulher que fez algo^{CI-2}, acho^{A3-1} que é um pai e uma mãe numa discussão por causa de outra mulher (pausa)^{CI-1}.</p> <p>*A prancha como um todo E3-1</p>	<p>O procedimento de tipo obsessivo (A3-1), seguido de investimento na relação (B1-3), apresenta um distúrbio de sintaxe (E4-1), associado a conflitos não expressos (CI-2) e tendência à recusa (CI-1), apresentando uma confusão das identidades (E3-1). A problemática edipiana é demonstrada pela via do conflito e da emergência de um terceiro objeto sedutor, há presença de confusão identitária, o fantasma do incesto e da sedução é mobilizado, aparecendo um sentimento de culpa por ter seduzido o próprio pai.</p>
---	--

Prancha 6MF

<p>Esse homem tem cara de safado^{E2-2}, tá jogado charme para moça que tá assustada^{A3-4}, ela parece^{A3-1} comportada, já ele parece^{A3-1} que sai pela noite atrás de qualquer uma (pausa longa)^{CI-1}. Nessa hora ele mostra algo^{CI-2}, que eu acho^{A3-1} que, ela ficou assustada^{A3-4} e impressionada com algo^{CI-2} que ele disse (pausa longa)^{CI-1}.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A narrativa como um todo B3-2 (Erotização das relações) 	<p>A evocação do mau objeto pela projeção maciça (E2-2), com uso de procedimentos do tipo obsessivo, que combinados com os procedimentos de conflitos não expressos (CI-2) e tendência à recusa (CI-1), estão a serviço das defesas de Silvia para que esta se organize psiquicamente, aqui aparece inclusive um procedimento do tipo histérico (B3-2), erotizando a relação. Silvia evoca o segundo tempo traumático do abuso sexual sofrido pelo avô, aqui ela consegue elaborar uma história em que fica evidenciando a presença da sexualidade no complexo edípico, e do terror dessa presença, bem como da confusão entre ternura e erótico. O que deveria ter se apresentando com uma interdição, acaba mobilizando o terror, o sexo e a culpa, impactando a dificuldade identitária.</p>
--	---

No caminho da construção das narrativas tecidas por Silvia percebermos, um mapa do seu Complexo de Édipo: no primeiro tempo apresenta uma fratura na triangulação, acarretando na permanência em uma relação especular com a mãe, no nível pré-edipiano, aqui as dificuldades identificatórias na diferenciação eu/outro são demarcadas; no segundo momento com a entrada do terceiro, a partir da dificuldade pré-edipiana, surge a ambivalência, entre ser filha e ser a mulher que seduz o pai, portanto - a confusão identitária - o que deveria ter sido vivido como uma castração, é atuado na sedução, gerando angústia depressiva; e por fim, temos a reatualização traumática da dificuldade identitária, o mau objeto é presentificado, e a clivagem é acionada como recurso defensivo para uma saída psíquica.

A partir da prancha 6MF as histórias se tornam mais organizadas, e as pranchas 11 e 19 possibilitam o estabelecimento de uma saída para angústia depressiva, através de um movimento antidepressivo, e o uso do recurso da idealização, principalmente ligado à união familiar.

Prancha 11

(Parece um monte de pedra? ^{CM-1} . Tem pedra, árvore ^{A1-1} (pausa longa) ^{CI-1} tem um homem de branco ^{CL-2} (pausa, olha a prancha bem de perto ^{CL-2}), acho ^{A3-1} que essas pessoas estão caindo no abismo ^{B2-4} , e esse homem tá se segurando (pausa longa) ^{CI-1}	Uso de procedimento anti-depressivo, associado ao investimento da realidade externa, com tendência à recusa, e a presença da instabilidade dos limites. Uso da dramatização. Evocação da tentativa de salvação, ou seja, existe uma saída, uma sobrevivência psíquica, como um apelo para saída da angústia depressiva.
---	---

Prancha 19

Parece ^{A3-1} um navio num rio, onde tá havendo uma tempestade, e parece ^{A3-1} que tem uma pessoa ^{CI-2} (pausa) ^{CI-1} acho ^{A3-1} que tá em mar só pode ^{A2-2} (pausa) ^{CI-1} . *A prancha como um todo CI-2	Procedimento de tipo obsessivo (A3-1), associado com a inibição com anonimato dos personagens e tendência à recusa. A cena de um resgate, associado com a prancha anterior mostra uma desejo de uma saída para a angústia depressiva.
---	---

Em síntese, Sílvia apesar de manter os processos secundários coesos, pelo uso de procedimentos obsessivos, em contra partida apresenta regressão psíquica com a emergência dos processos primários, através das dificuldades perceptuais e as falhas na simbolização, e com distúrbios de sintaxe. Consideramos como hipótese que esse movimento regressivo é ancorado nas falhas das relações de objeto e da constituição do processo edipiano.

A confusão no eixo identitário é encoberto pelo uso de procedimentos de inibição de conflito, anonimato dos personagens, e tendência a recusa, como uma defesa para não ser invadida pela angústia depressiva. A clivagem comparece como uma possibilidade defensiva, de um lado para auxiliar na excorporação de conteúdos relativos ao abuso no primeiro tempo do traumático - referência ao abuso do avô e do primo, e na responsabilização da falta de apoio materno - portanto os objetos são trazidos à cena investidos de ressentimento e culpa. Por outro lado, a presença de um retorno ao próprio eu de uma cota do sentimento de culpa relativo à “sedução” do pai. Portanto, tais dificuldades impedem o contato relacional profundo. Esses aspectos podem nos remeter a uma problemática de funcionamento limite.

Procedimento Desenho Família-Estória



Estórias:**Estória 1 – Fugindo dos Problemas**

Um pai e uma mãe, os dois filhos homem, e pra mim nessa família é normal, tem briga normal, mas não é discussão por algo sério, problema mais sério.

Estória 2 – A família que eu desejaria ter

Pra mim uma família ideal é perfeita, tem trabalho, com único filho, para mim a família perfeita tem só um filho, o casal vive em harmonia, eles se entendem.

Estória 3 – Onde o dinheiro é mais importante

Pra mim ele tá precisando de apoio e compreensão, além os pais não dar não percebem que precisa disso, de amor. Por eles acharem que o mais importante é trabalhar, ter dinheiro e não se importar com o bem estar dos filhos.

Estória 4 – Família desestruturada

Família onde a falta de carinho, afeto e compreensão são muito grandes, onde cada um tem que se virar sozinho, o único apoio é financeiro. Onde o pai e a mãe não saber ser amigo dos filhos (pausa) Sinto um lar vazio, seis pessoas e todos se sentem sozinhos, sem poder contar com o pai e a mãe.

Síntese Interpretativa

O protocolo do DF-E se apresenta bem diferente do TAT, ao trazer à cena a culpabilização das figuras parentais; os pais são vistos de modo negativos, como não apoiadores, também podemos perceber de forma latente, o ressentimento que também está presente no protocolo do TAT.

Os vínculos afetivos são retratados de modo negativo – as relações familiares são negativas, porque só há presença de conflito e falta de apoio, o que gera um sentimento de desamparo porque não há com quem contar a solidão também comparece enquanto expressão afetiva e atualiza a problemática edípica e a questão identificatória.

No segundo desenho, no qual é solicitado que se desenhe a família ideal, o investimento narcísico comparece com a noção de filho único, investido de todo cuidado, amor e carinho, o recurso da idealização.

Os conflitos familiares são nomeados, como por exemplo: as constantes brigas do casal; a questão financeira como única forma de ligação entre os sujeitos; e o ressentimento com os pais, expressões claras da vivência interior de frustração frente ao ambiente familiar. O procedimento mobiliza Silvia para revelar e culpabilizar os objetos.

Nos protocolos de DF-E e TAT, a problemática edípica se mostra como eixo estruturante da problemática, parafraseando Freud, recordar, repetir até que se elabore. A reatualização traumática não tem permitido se distanciar desses pais do primeiro tempo edipiano, e possibilitar assim a entrada de novos objetos. É notório que nos respectivos protocolos a cena triangular é evocada, acompanhada da necessidade de amor; de reconhecimento por parte desses pais, em uma conflitiva que parece não permitir uma simbolização, fazendo um retorno objeto primitivo, portanto, uma servidão ao complexo edípico, por sua não elaboração.

CASO 2 – CLÁUDIA

História Clínica

Cláudia tem 12 anos, foi encaminhada pela delegacia para atendimento por ter sido vítima de abuso por parte do padrasto, mesmo a filha tendo relatado que ele mostrou os órgãos genitais, a mãe não acreditou e continuou o relacionamento. Depois de dois anos, após uma nova tentativa de abuso, o próprio abusador confessou a vitimização. Cláudia contou que o padrasto oferecia dinheiro para tocar nos genitais da

adolescente, e que ela sem recusar deixava, disse que tinha medo de relatar para mãe. Mesmo assim a mãe não realizou queixa em delegacia especializada, tratando o assunto como uma briga de casal. Cláudia foi mandada para casa da avó, onde sofreu o segundo abuso por parte do marido da avó; o mesmo ficava olhando Cláudia tomar banho sem roupa, o que em determinado momento resultou na conjunção carnal entre ambos. Segundo relatos de Cláudia para psicóloga da delegacia, a mesma diz que acabou se apaixonando pelo marido da avó, que gostava de escrever cartas de amor para ele, que tinham momentos românticos, que a relação sexual aconteceu mais de cinco vezes, relatou que a avó não gostava dela, e que quando retornou para companhia da mãe, a mesma parou de gostar do abusador. Na entrevista clínica com a mãe, esta relatou que antes de Cláudia nascer, tinha uma filha de 1 ano e oito meses que veio a óbito, o relato é que o deixou a filha dormindo com sua filha mais velha na época de três anos, e foi beber, quando voltou, a filha não estava mais lá, tinha sumido, no outro dia foi encontrada morta, com os pulsos marcados e com uma pancada na cabeça, depois desse dia disse que morreu para vida, culparam um caseiro da casa mãe, mas ele foi absolvido por falta de provas, a avó não acredita que o caseiro tenha matado a neta, mas ninguém sabe explicar o que aconteceu, segundo a mãe, Cláudia não sabe dessa história.

PROTOCOLO TAT

Cotação geral do TAT

Série	Sub categorias	Total parcial	Total da série
A (RIGIDEZ):	A1-1+++++++ (Referência à realidade externa)	11	27
	A2-3+++ (Investimento da realidade interna)	03	
	A3-1+++++++ A3-3+ (Procedimentos de tipo obsessivo)	13	

B (LABILIDADE):	B1-3+++++ (Investimento da relação)	05	07
	B2-2+ B2-3+ (Dramatização)	02	
C (EVITAÇÃO DO CONFLITO)	CI-1+++++++ CI-2+++++++ (Inibição)	20	24
	CN-1+ CN-2+ (Investimento Narcísico)	02	
	CL-2+ (Instabilidade dos Limites)	01	
	CM-1+ (Procedimentos antidepressivos)	01	
E (EMERGÊNCIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS)	E1-1+++++ E1-3++++ (Alteração da percepção)	10	11
	E2-2+ (Utilização maciça da projeção)	01	

A partir da Cotação e da Análise Qualitativa das narrativas-TAT de Cláudia, percebemos que há evitação ao entrar em contato com o conflito e a angústia, comparecendo o uso da inibição e dos procedimentos de tipo obsessivo; e da referência à realidade externa, dificultando assim seu investimento na relação com os outros. Todavia, tais expedientes não logram êxito pois ocorre a emergência da série de processos primários como alteração da percepção e utilização maciça de projeção.

As dificuldades no Complexo de Édipo, afetam sua constituição identitária-identificatória, como podemos verificar nas pranchas 2 e 4.

Prancha 2

Uma menina chegando da escola, e parece ^{A3-1} que está se lembrando de alguma coisa ^{CI-2} que aconteceu com ela, ela está feliz ^{B1-3} , muito feliz ^{A3-3} .	O conflito não expresso(CI-2) ancorado no procedimento de tipo obsessivo (A3-1), estão acompanhados de um escape afetivo (B1-3), que pela evocação fantasmática da prancha ocasionam uma alteração da percepção (E1-1), e do uso da formação reativa como procedimento defensivo (A3-3). Percebemos uma dificuldade na focalização da triangulação edipiana, no plano identificatórios, percebemos a dificuldade no investimento das relações; acompanhando de um anúncio de uma problemática traumática que não é
*Na prancha apresenta E1-1++ (Alteração da percepção)	

	nomeada, produzindo uma reversão ao seu justo oposto, se o afeto demonstrado aqui é estar feliz, podemos entender então que a problemática está em torno de uma tristeza, ou mesmo de uma angústia depressiva.
--	--

Prancha 4

<p>É uma mulher e um homem^{A1-1}, parece^{A3-1} que o homem tá indo embora e a mulher não tá deixando^{B2-3}, ela tá muito triste^{B1-3} porque não quer que ele vá embora, mas ele quer ir (pausa longa)^{CI-1}, fim.^{CI-1}</p> <p>*A prancha como um todo CI-2 (Inibição)</p>	<p>Os procedimentos de tendência à recusa (CI-1) associado à conflito não expressos (CI-2) são apoiados pelos procedimentos de referência à realidade externa (A1-1) e procedimentos do tipo obsessivo (A3-1) respectivamente com escapes afetivos como dramatização (B2-3) e expressão de afetos (B1-3). Existe uma problemática edipiana, mas que causa a emergência de angústia depressiva, com a presença de dificuldade ligada a separação e ao abandono do objeto, portanto, os procedimentos de inibição auxiliam na manutenção do conflito, sem a possibilidade de uma nomeação, logo, sem uma simbolização.</p>
---	--

A problemática edipiana de Cláudia, está num nível regressivo, e com fraturas no investimento das relações. Temos assim que no primeiro tempo do Édipo, a relação materna/paterna não se configurou, comparecendo como uma angústia depressiva, associada a dificuldade de abandono e da perda do objeto. No plano identitário-identificatório, percebemos uma tendência ao anonimato de personagens, não conseguindo nomeá-los em termos de problemáticas conflituais.

Nas pranchas 3RH, 10, e 11 podemos ter uma compreensão mais aprofundada das questões de Cláudia, e da sua dificuldade estrutural.

Prancha 3RH

<p>É uma menina triste^{CN-1}, parece^{A3-1} que foi violentada^{CN-1}, está sangrando^{E2-3/E1-3} e morta^{E2-3}. (pausa)^{CI-1} parece^{A3-1} também que fizeram uma coisa de mau para ela^{E2-2}. Está sangrando^{E2-3/E1-3} muito, está muito triste^{B1-3}.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Na prancha temos E1-1 (Alteração da percepção) 	<p>O acento dado à vivência subjetiva (CN-1) são ancorados na expressão maciça de afetos (E2-3), associado à evocação do mau objeto (E2-2), suprimem os procedimentos de tipo obsessivo (A3-1), e as expressões de afeto (B1-3), respectivamente.</p>
---	---

Prancha 6MF

<p>É uma mulher, e um moço^{A1-1/E1-3}, assustada^{B2-2} por ver ele, o moço tá com cara de mau^{E2-2}, quando ela olhou para trás ficou aterrorizada^{B2-2}, acho que o homem fez alguma coisa^{CI-2} de mau^{E2-2} para ela.</p>	<p>A evocação do mau objeto (E2-2), associada a falsa percepção (E1-3), suprimem os conflitos não expresso (CI) e a referência à realidade externa (A1-1). A problemática edipiana comparece, a partir da falta de interdição, implicando na dificuldade transgeracional. O masculino é presentificado como persecutório e aterrorizante. Dessa forma os processos primários emerge pela intrusão do traumatismo.</p>
--	---

Prancha 10

<p>É uma mulher e um homem^{A1-1} parece^{A3-1} que eles estão dançando^{A1-1}, e estão de olhos fechados^{A1-1}, a mulher tá botando a mão no ombro dele^{A1-1}, e os dois estão de olhos^{A3-1} fechados.</p>	<p>A referência à realidade externa (A1-1) associado ao procedimento de tipo obsessivo (A3-1). A problemática relacional comparece numa questão especular, ao mesmo tempo com um desmentindo (os olhos fechados). O comparecimento do corpo a partir do sensorial dar conta da elaboração do traumatismo, e presença da confusão entre erótico e ternura, devido à dificuldade da configuração edipiana.</p>
---	--

Podemos perceber a partir do protocolo de Cláudia, que a configuração edipiana, apresenta uma fissura na questão identificatória, principalmente ligada a diferenciação transgeracional. Tal questão se impõe devido a presentificação traumática do abusos, saber se é adulta pronta para uma relação sexual, ou uma criança que deveria ser protegida? O que implica numa confusão com o objeto entre saber se é uma relação erotizada, ou de ternura. No eixo identitário, percebemos um Eu regredido, com

tendência à inibição do conflito, por falta de suporte defensivo psíquico, já que o traumático opera, sempre evocando a presença do mau objeto personificado nas figuras masculinas.

Cláudia também apresenta uma problemática materna importante, como podemos verificar na prancha 11.

Prancha 11

<p>É um monte de pedras, uma ponte, um homem e um búfalo^{A1-1} (sei lá)^{CI-2} o homem está tentando montar no búfalo^{E1-3}, ele não está conseguindo, parece^{A3-1} que o búfalo tá andando^{E3-1}, e as coisas estão pesadas^{CI-2}, tem muita pedra^{A3-1} no caminho, está escurecendo^{CL-2}.</p>	<p>Os procedimentos de inibição de anonimato de personagens (CI-2) associado aos procedimentos da série de rigidez (A1-1 e A3-1), não logram êxito para a emergência dos processos primários (E3-1) e das instabilidades dos limites (CL-2). A problemática materna arcaica é atualizada com frieza, uma mãe ausente, faltou o olhar da mãe, deixando a mercê das sensações corporais.</p>
--	--

Diante do que sabemos sobre a mãe de Cláudia, ter sofrido com a morte da filha anterior, de maneira trágica, a partir de suas próprias palavras se auto denomina como morta, podemos compreender, porque Cláudia sente o materno como frio, temos então o que Green nomeou como Complexo da Mãe Morta. Tal fratura ocasionou as dificuldades na configuração edipiana, principalmente, neste caso, o transgeracional, afinal qual filha é Cláudia?

Essa problemática é reatualizada à medida em que os abusos vão acontecendo, e a mãe opera no desmentindo, validando sua morte psíquica para Cláudia. O que resta é diante do traumático, utilizando a clivagem é utilizar as sensações corporais para elaborar a emergência dos processos primários, e a angústia depressiva.

Por fim, no aspecto estrutural, Cláudia apresenta graves dificuldades no campo perceptual, devido ao traumatismo, que devido à falta de um ambiente protetivo, e que não favorece a expressão dos conflitos, por isso o pouco investimento nas relações, como podemos perceber no protocolo, levando à uma grande inibição. Entretanto,

Cláudia tenta através da utilização dos procedimentos da série de rigidez e de procedimentos anti depressivos ter uma sobrevivência psíquica.

PROCEDIMENTO DESENHO FAMÍLIA COM ESTÓRIAS



ESTÓRIAS

Estória 1 – Uma família feliz

Aqui eu, minha mãe, meu pai, a tia, o meu tio, e minha outra tia com o bebê, (e o que eles estão fazendo?) vão passear, (pra onde?) não sei, talvez no parque, é divertido, porque a gente brinca de pega-pega

Estória 2 – Minha família é mais legal

Minha mãe, meu pai, o Danilo meu irmão, o Samuel que é meu irmão também, eu e o Gabriel meu irmão mais velho, e o outro é meu tio, e minha avó, (o que eles estão

fazendo) indo para casa da avó Teresa, brincar e assistir TV, almoçamos e depois de lá fomos tomar sorvete.

Estória 3 – Família Triste

Aqui minha mãe, tia, minha avó e minha prima, elas estão triste, porque alguém na escola bateu nela, (em quem na minha prima?) Ela merece porque fica arregrado com elas.

Estória 4 – A família mais legal de todas

Minha mãe, meu pai, eu e os meus irmãos, minha tia, meu tio, meus padrinhos, a família todinha ia passear no parque, andar na roda gigante, fazer compra, e almoçar na casa da avó Teresa, estamos muito felizes. De lá foram para o zoológico, ver os animais.

SÍNTESE INTERPRETATIVA

Claudia investiu no procedimento com muita idealização, cenas cotidianas são evocadas ao invés da criação de estórias – como solicita o procedimento – o que nos dá a sensação de uma tentativa de criar uma idealização sempre positiva do ambiente familiar, as lembranças encobridoras de um ambiente hostil e agressivo.

As figuras parentais são citados em todas as estórias, mas suas participações parecem apenas figurativas, aparecem na cena, mas não são referências atuantes, assim como os laços fraternos e de outras figuras da família, no protocolo parece com muitas pessoas, mas ao mesmo tempo vazio de ação.

O lúdico é presentificado em todas as cenas, a necessidade de brincar, de ser criança, fazendo uma ligação com o TAT, onde o ambiente agressivo, a revelação do abuso, e a projeção maciça de sua própria história pessoal, que carregada das marcas violentas, e de um infância que foi roubada, o lúdico comparece, como uma forma de manter a integridade psíquica.

As cenas retratadas nos desenhos, são sempre de ações externas, lugares (zoológico, parque), uma externalização de ações, que não podem ser vividas no mundo intrapsíquico e que auxiliariam na criação de histórias para que tais situações pudessem ser experimentadas, a inibição do ato criativo demonstrando a fragilidade psíquica diante da impossibilidade de elaboração afetiva.

A violência é representada no protocolo, com um deslocamento para uma violência física ocorrida na escola por uma prima, e o apontamento de que a mesma merecia, portanto, a noção de vítima não é possível ser é reconhecida, ficando evidente o quanto o traumatismo influencia na alteração de sua percepção.

CASO 3 – SUELLEN

HISTÓRIA CLÍNICA

Suellen, tem 16 anos, foi encaminhada para o atendimento por ter sofrido abuso sexual pelo padrasto. O mesmo chantageava a enteada com fotos nuas da mesma, as fotos foram tiradas em momentos que a mãe não estava em casa, geralmente as chantagens aconteciam quando estava para o trabalho. A mãe no primeiro momento não acreditou nessa versão contada pela adolescente, só acreditando quando flagrou o ex companheiro no quarto da filha pedindo para ela fazer poses para tirar foto. Em entrevista com a adolescente, a mesma relatou que o padrasto por duas vezes tirou fotos suas sem roupa, chegou a se masturbar em sua frente, e na última tentou realizar penetração mas não obteve sucesso, devido ao flagrante da mãe. A mesma também

relata que a mãe chegou a achar que Suellen havia seduzido o padrasto, chegando a culpar a adolescente por todo o acontecido.

PROTOCOLO TAT

Cotação do TAT

Série	Sub categorias	Total parcial	Total da série
A (RIGIDEZ):	A1-1+ A1-2+++++++ (Referência à realidade externa)	12	25
	A2-2++ A2-3++++ A2-4+ (Investimento da realidade interna)	07	
	A3-1+++++ (Procedimentos de tipo obsessivo)	06	
B (LABILIDADE):	B1-3+++++++ (Investimento da relação)	14	17
	B2-3++ (Dramatização)	02	
	B3-3+ (Procedimento de tipo histérico)	01	
C (EVITAÇÃO DO CONFLITO)	CI-1+++++++ CI-2++ (Inibição)	14	24
	CN-1 ++ CN-2+ (Investimento narcísico)	03	
	CL2+ (Instabilidade dos limites)	01	
	CM-1++++ CM-2+ CM-3+ (Procedimentos antidepressivos)	06	
E (EMERGÊNCIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS)	E1-1+ (Alteração da percepção)	01	07
	E2-1+ E2-2+++++ (Utilização maciça da projeção)	06	

A partir da Cotação e da Análise Qualitativa das narrativas - TAT de Suellen, percebemos um protocolo com uma tendência a recusa da expressão pulsional, e uso de procedimentos de referência à realidade externa, para evitar uma problematização de conteúdos traumáticos. Se por um lado as defesas parecem sustentar os processos de

simbolização, no plano afetivo o ressentimento, e a angústia depressiva comparecem no protocolo por uma falta de proteção maternal e do ambiente familiar.

Prancha 1

<p>Era uma vez^{A1-2} um menino apaixonado^{B1-3} por música, ^{A1-2} certo dia algo de errado aconteceu^{CI-2(CONFLITO NÃO EXPRESSO)}, pois de uma hora para outra esse menino ficou triste^{B1-3} e decepcionado^{B1-3}. Se isolou de tudo ^{CI-1} e de todos para esconder o que estava sentindo^{CI-2}, a única maneira de expressar o que estava sentindo era tocando o violino^{A2-2} (isso é um violino né?)^{CM-1}</p>	<p>Os procedimentos de referência externa (A1-2), associados aos processos de inibição, sustentam o psíquico contra o traumático, deixando apenas os afetos serem expressos, no caso, a angústia depressiva, e o isolamento ante os objetos. Existe diferenciação entre o eu/objeto, com a presença de uma angústia depressiva, e com uma tendência a recusa da expressão pulsional, por não haver relações objetais que permitam sua expressão.</p>
--	--

Prancha 2

<p>(O que é isso?)^{CM-2} Era uma vez ^{A1-2} uma família que trabalhava na roça (pausa^{CI-1}), não tinha (^{CM-2}eu posso errar?) Na família dessa moça não tinha estudo^{A2-3}, e trabalhava na roça para ter seu sustento, certo dia essa moça quis ter um futuro diferente dos pais, e então começou a estudar para que o futuro fosse melhor.</p>	<p>O uso de procedimentos anti depressivos, associados a inibição do conflito, e referência a realidade externa, sustentando o Complexo de Édipo. necessidade de diferenciação dentro do complexo familiar, o desejo de se diferenciar do pais, já que o ambiente não propicia expressão de sentimentos, de alguma forma ela deseja superar e ir além, entretanto, ainda está ambivalente em relação à essa questão.</p>
--	--

Existe diferenciação entre o eu e o objeto, com a presença de uma angústia depressiva a partir necessidade de diferenciação dentro do complexo familiar. Podemos perceber claramente o segundo tempo do Édipo na tentativa de sair desse ambiente superando assim os membros da família, ajustando seus processos identitários-identificatórios. No entanto, a referência à realidade externa se deve ao fato, de não haver investimento nas relações objetais que permitam sua expressão.

Prancha 5

<p>^{A1-2}Era uma vez (^{CI-1}pausa). ^{A1-2}Era uma vez uma menina que só ficava trancada</p>	<p>Os procedimentos da séria rigidez associados os mecanismos de inibição de</p>
--	--

<p>dentro do quarto^{CN-1} (^{CM-3}ri) sua mãe todos os dias perguntava o que estava acontecendo, a filha não respondia^{CI-2}, mas a mãe todos dias preocupada entrava no quarto e chamava minha filha.</p>	<p>conflito, auxiliam no uso dos procedimentos antidepressivos, evitando o emergência do traumático. A prancha evoca o fantasma materno, por um lado o investimento objetal da mãe, do outro lado uma recusa em expressar suas emoções, mantendo assim uma posição depressiva. É como se ela aguardasse um movimento protetivo da mãe, demonstrando uma ambivalência – de um lado uma mãe preocupada, que parece não transparecer à Suellen confiança e apoio, preferindo permanecer isolada.</p>
--	---

A relação com a mãe é marcado por muito ressentimento, a mãe parece se preocupar, mas Suellen se mantém numa posição indiferente, mas podemos perceber que ela aguarda um movimento protetivo da mãe. A ambivalência com uma figura materna preocupada, mas que não inspira confiança, resultando em afastamento e isolamento, ao olhar para sua história percebemos que ela de uma certa forma realiza um desmentido, não acreditando apesar das provas que Suellen sofreu abuso.

Prancha 7MF

<p>(É eu bebezinho) ^{A1-2}Era uma vez (^{CI-1}pausa longa) uma mãe (^{CI-1}pausa longa) ^{B1-3} que amava muito sua filha (^{CI-1}pausa) só que sua filha não estava nem aí para ela, todos os dias essa mãe dava atenção para sua filha, lia histórias para ela, perguntava como tinha sido seu dia mas a filha não estava nem aí^{B2-3}, essa filha tinha uma criança bebezinha e esse bebê sofria por causa da falta de atenção da mãe ^{B2-3}.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A história como um todo CM-2 (Hiperinstabilidade das identificações) 	<p>Os procedimentos de inibição do conflito (A1-2), associadas tendência a recusa (CI-1), associadas com a hiperinstabilidade das identificações durante todo o procedimento, e do recurso a dramatização, auxiliam na manutenção de um recalçamento, provavelmente relacionado ao abuso. Relação materna ambivalente, uma mãe que faz investimentos, e uma filha que recusa. Identificação regressiva com o “bebezinho” que aparece como rejeitado pela mãe.</p>
--	---

O ambiente familiar não propicia expressão de sentimentos, mas Suellen deseja de alguma forma superar o abuso, entretanto, ainda está ambivalente em relação a essa

situação, afinal a mãe no primeiro não acreditou na sua versão, mantendo uma relação afetiva com o abusador, o que é sentido por ela uma sensação como uma falta de proteção desse ambiente.

Concluindo, no plano estrutural, Suellen parece organizada em relação ao Complexo de Édipo, no primeiro tempo, sendo estabelecidos o processo identitário-identificatório, entretanto, a situação de abuso no tempo da reedição edipiana, teve como consequência a presença de uma instabilidade afetiva. Se por um lado está tudo bem, quando ocorre a intrusão do objeto acontece a angústia depressiva. Acompanhada de uma tendência a recusa relacional que aparece desde a primeira prancha, ao fato de ficar solitária, como se houve uma necessidade do afastamento do objeto.

PROCEDIMENTO DESENHO FAMÍLIA COM ESTÓRIAS



ESTÓRIAS:

Estória 1 – Família Quase Ideal

Era uma família feliz, que vivia em muita unidade e amor, carinho e respeito. Certo dia algo aconteceu que fez com que essa família se desmoronasse completamente.

Estória 2 – Família Ideal

Era uma vez uma família perfeita, que vivia compreensivos e principalmente com amor, essa família por mais que algo de errado acontecesse, sempre entendia um ao outro, essa família era vista por todos como a família ideal.

Estória 3 – O desrespeito

Era uma vez uma família que era unida, certo dia, um estranho entrou para família por causa disso esse estranho a família começou a se desunir, por conta de muitas coisas, essa pessoa invadiu o respeito, e a privacidade de um dos integrantes da família, da menina, por conta disso começaram a ter problemas na família muita desunião e falta de respeito com a menina, pois o resto, da família não sabia o que tinha acontecido com ela. A menina por medo de contar ficava isolada, se sentindo triste, desrespeitada toe invadida.

Estória 4 – Família base de tudo

Era uma vez uma família completa, todos se amavam e não havia disputa, certo dia, um casal resolveu se separar. O avó e a avô são a base da família se separaram, a família desmontou, depois que separaram os tios foram morar em casa para não deixar o avô só. Minha mãe se envolveu com uma pessoa, essa pessoa nunca foi aprovada pela família, mas mesmo assim ela se relacionava com essa pessoa. Certo dia, minha mãe saiu de casa então essa pessoa me desrespeitou. Desde então essa menina começou a ter problemas no colégio, e até mesmo com pessoas da família, certo dia essa menina resolveu, contar à sua mãe, o que havia acontecido naquele dia, sua mãe ficou em choque, mas sua tia ajudou sua mãe a ter forças e tomar providências com o que tinha acontecido. Quando toda família focou sabendo do que tinha acontecido, todos entendem o porquê dos problemas dessa menina então a família resolve ficar unida outra vez.

SINTESE INTERPRETATIVA

O procedimento DF-E foi utilizado pela adolescente como um instrumento de revelação do abuso, as estórias foram relatadas a partir da experiência da violência sexual, mas como uma tentativa de simbolização.

A mãe é responsabilizada por ter casado com o abusador, e principalmente por não ter sido protetiva, inclusive chegando a romper a relação e retornar mesmo sabendo da situação de violência, somente no segundo momento quando as coisas pioraram é que a mãe então resolve tomar providências, operando aqui um desmentido materno que impacta a relação entre ambas.

A família é descrita de modo idealizado, sendo inclusive considerada como uma família ideal, mesmo com a presença de situações de violência; a idealização é fraturada pela intrusão do objeto persecutório do abusador; bem como da separação do avô e da avó relatada como a maior dificuldade e que acaba desestruturando toda a família.

No relato sobre o abuso podemos ver claramente as consequências que resultaram na baixa do desempenho escolar, o retraimento nas relações sociais e o isolamento, além do da angústia depressiva que também está presente no protocolo de TAT.

Suellen relata que mesmo desamparada por não ter em quem confiar, principalmente pela ausência materna, toma a atitude de revelação, rompendo com o silêncio, o que gera na mãe um impacto grande, mobilizando ambivalências, chegando inclusive a duvidar da filha por certo período.

A problemática edípica apresenta dificuldades, o pai não é evocado, e a mãe é responsabilizada, e o substituto paterno acaba por perpetrar violência; ao que parece em substituição no segundo tempo identificatório, os avós são os que irão fornecer possibilidades identitárias. Essa confusão não permite que Suellen elabore adequadamente a problemática da castração, o que vai gerar nela o isolamento e o desamparo, como no protocolo do TAT que revela a dificuldade ligada a falta de apoio materno.

CASA 4 – JOANA

História Clínica

Joana tem 16 anos, foi encaminhada para atendimento pelo Abrigo Feminino, para que recebesse atendimento devido ao abuso sexual sofrido pelo padrasto, no período dos 8 até 12 anos, o que acabou tendo como consequência um filho que hoje tem quatro anos. Após saber da gravidez, a mãe de Joana a expulsou de casa, tendo a mesma sido abrigada por 1 um ano, depois desse período, uma vizinha da mãe acabou entrando com pedido da guarda de Joana e no momento é a família que está responsável pela adolescente.

Protocolo TAT

Cotação geral do TAT

Série	Sub categorias	Total parcial	Total da série
A (RIGIDEZ):	A1-1+++++ (Referência à realidade externa)	05	15
	A2-1+ A2-3+ (Investimento da realidade interna)	02	
	A3-1+++++++ (Procedimentos de tipo obsessivo)	08	
B (LABILIDADE):	B1-2+++++++ B1-3+++++++ (Investimento da relação)	40	43
	B2-1++ (Dramatização)	02	
	B3-1+ (Procedimento de Tipo Histérico)	01	
C (EVITAÇÃO DO CONFLITO)	CI-1+++ CI-2+++++++ (Inibição)	11	22
	CN-1 ++++++++ (Investimento Narcísico)	09	

	CL-1+ (Instabilidade dos limites)	01	
	CM-1+ (Procedimentos antidepressivos)	01	
E (EMERGÊNCIA DOS PROCESSOS PRIMÁRIOS)	E1-1++ E1-3+ E1-4+ (Alteração da percepção)	04	33
	E2-1+++ ^(Inadequação) E2-2++ E2-3+++ (Utilização maciça da projeção)	01 (01)	
	E3-1+ E3-3+ (Desorganização das demarcações identitárias e objetais)	07	
	E4-1+++++ E4-2+ (Alteração do discurso)	21	

A partir da Cotação e da Análise Qualitativa das narrativas-TAT de Joana, percebemos que Joana utiliza o protocolo para verbalização de sua história apresentando desorganização simbólica como: a) desorganização das demarcações identitárias e objetais devido a uma fratura no Complexo de Édipo, e b) distúrbio de sintaxe, o que, podemos compreender como uma dificuldade de elaboração psíquica, portanto, do processo secundário, motivo pelo qual, as pranchas são utilizadas para excorpar a dificuldade do processo de simbolização, e do ressentimento pela falha da proteção dos pais.

Os protocolos das pranchas, **2**, **4** e **10**, mostram as fissuras nos processos secundários e identificatórios advindos da fissura edipiana.

Prancha 2

<p>Ela tá indo pro colégio estudar^{A1-1} mas^{A3-1} ela não consegue decorar nada do que a professora diz^{CN-1}. Passa a atividade e não consegue decorar. E os pessoal^{E4-1} pensa que ela não quer nada com a vida^{A2-3}, mas^{A3-1} ela não consegue^{A2-3} decorar^{A3-1}, aí ela fica triste^{B1-3} (chora)^{B1-3}</p>	<p>Referência a realidade externa associada aos procedimentos de tipo obsessivo (A3-1), ancorados no acento dado à vivência pessoal (CN-1), recobrem os distúrbios de sintaxe (E4-1), as denegações, (A2-3) e os afetos ligado ao investimento das relações. Podemos perceber que o Complexo de Édipo não se estrutura, sendo a triangulação escotomizada, temos então uma dupla dificuldade: a) nos processos de simbolização, o que aparece na expressão “não conseguir decorar, e na emergência de processos primários e b) nos processos identificatórios, já que a problemática</p>
<p>Na prancha há escotoma de objetos manifesto – E1-1.</p>	

	edipiana não é evocada. Joana aparece em uma cena narcísica e pessoal, no qual os objetos parecem julgar sua conduta, o que é uma falha básica passa a ser considerada uma conduta inadequada.
--	--

Prancha 4

Essa é a mãe dela, segurando o padrasto dela ^{A1-1} . Aí um dia que eles brigaram, ele bateu ^{E2-3} nela e na mãe dela e mandou a mãe dela escolher: ou ele ou a filha dela ^{A3-1} . E a mãe dele ^{E4-1} tinha quatro filhas com ele, escolheu ele. E foi embora ^{E4-1} a filha dela e o neto dela.	O procedimento do tipo obsessivo (A1-1), associado a uma expressão de crua associada a uma temática agressiva (E2-3), bem como apoiado a um duplo distúrbio de sintaxe (E4-1), expressando uma vivência pessoal. A relação heterossexual é apresentada de forma agressiva, e Joana é apresentada como o ponto de conflito, sendo excluída pela mãe do convívio familiar, nos remetendo ao desamparo.
<ul style="list-style-type: none"> • A prancha como um todo apresenta CN-1 (Investimento narcísico) 	

Prancha 10

É o pai dela e a mãe dela ^{A1-1} . Ela ^{CI-2} queria que o pai dela e a mãe dela ficasse junto ^{E4-1} pra ter uma família de verdade. Mas o pai dela é casado com outra mulher e a mãe com outro homem. O pai dela não liga pra ela (pra filha) ela fica chateada ^{B1-3} , com raiva ^{B1-3} . Às vezes ela pergunta pra ele se ele ama ela, ele diz que sim, mas que não parece ^{A3-1} . Ele não liga nem para ela, nem a mãe dela. Pra eles tanto faz se ela tá viva ou se ela tá morta (chora muito). ^{B1-3}	Referência à realidade externa (A1-1), associado ao anonimato de personagem (CI-2), apresentando distúrbio de sintaxe (E4-1), ancorados na expressão de afetos (B1-3). O triângulo edípico é evocado como uma idealização, mas o princípio da realidade sobrepõe a idealização, sendo a relação com o pai focada como uma tentativa de se reposicionar enquanto filha, a necessidade de investimento nessa relação, que é expressa de forma a mostrar a negligência.
<ul style="list-style-type: none"> • A prancha como um todo CN-1 (Investimento narcísico) 	

A estruturação edipiana de Joana apresenta uma falha, podemos perceber que no primeiro tempo de sua formação, não uma formulação da problemática, ocasionando uma paralisação nos processos primários, com efeitos na dificuldade perceptual, na formulação da linguagem, e do próprio pensamento, como podemos perceber na sua fala “não consegue decorar nada”, e no processo identificatório, que retorna em uma falha narcísica, e na necessidade de investimento nas relações.

No segundo tempo, chegado a reatualização edipiana percebemos que a falta paterna, e a indiferença materna, causam prejuízos significativos no eixo narcísico-identitário, o Eu fragilizado, operando numa lógica primária, demandando do outro a inscrição identitária e identificatória mau formulada em seu desenvolvimento psíquico.

Prancha 3RH

<p>Ela tá chorando^{B1-3} (chora)^{B1-3}, com muita raiva^{B1-3} (pausa)^{CI-1}. Porque sempre quando passam por ela ficam falando coisa mal dela^{E4-1}. Mas eles pergunta^{E4-1} pra ela quem é o pai do filho dela e ela fica calada. Não sabe responder. Ela tem medo^{B1-3} que o filho dela cresça e pergunte pra ela quem é o pai dele? Ela queria dar do bom e do melhor para o filho dela, mas ela não trabalha^{A2-3}, não sabe ler^{A2-3}, como que ela vai dá^{E4-1}? Aí o filho dela pede as coisa^{E4-1} e ela começa a chorar^{B1-3} sem poder dar. Ela vê outras crianças brincando, aí pergunta pra mim nada^{E3-1}. Pra ela receber a pensão tem que tá ligando, se humilhando^{B1-3} e ele^{CI-2} diz que tá devendo, quando ela pede alguma coisa pra ele^{CI-2}. Mas pra filha dele, ele pode dar tudo o que ela quer. No natal ela pediu pra ele um telefone e até hoje. Aí ela disse que tá bom, que não pedir^{E4-1} mais nada pra ele porque pra^{E4-1} ela não tinha pai mesmo.</p> <ul style="list-style-type: none"> • A prancha toda CN-2. 	<p>Percebemos que os investimentos nas relações objetais, causam desorganização, por exemplo, confusão identitária, bem como distúrbio de sintaxe. Joana diante da falta da figura dos pais, sente desamparada; expressa o ressentimento da falta de cuidado da figura paterna; sente-se envergonhada por ter um filho que é fruto do abuso, negando saber quem é o pai. A dificuldade identitária, faz com que Joana se confunda com o próprio filho, afinal crianças brincam, mas isso foi roubado dela, por conta do abuso, não sobrando nada.</p>
--	---

12RM

<p>É uma árvore é um barco^{A1-1} (pausa longa)^{CI-1} isso foi quando ela mais o filho dela foram passear^{E4-1}. A tia dela, o tio estevão, a Lulu e a neném e o Zeca e o Daniel^{B1-2} foram passar o final de semana em uma colônia e aproveitaram e foram pescar num lago. E tava^{E4-1} todo mundo contente.</p>	<p>A necessidade do investimento das relações (B1-2), associados com a emergências de processos primários (E4-1). Vemos a necessidade de Joana de que da presença de relações de objeto, como um recurso diante do desamparo, e da fragilidade narcísica-identificatória.</p>
--	---

Prancha 16

<p>(Branco!)^{CL-2} Aí foi ela passar o final de semana lá na vó^{E4-1} dela por parte do pai. Aí eles foram passar o final de semana lá ela mais o filho dela. Ela adoulo o pai dela até o pai dela levar ela. Aí o pai dela levou e ela passou o final de semana todinho até de tarde, aí o pai dela ficou brincando com o filho dela, mais a filha dela, mais as duas primas. Ficaram jogando bola. Tava eu, a Luana, o Natan, e minhas duas primas. Foi um final de semana legal, só que durou pouco.</p>	<p>A instabilidade dos limites (CL-2), associada a emergência dos processos primários, com características de distúrbios de sintaxe (E4-1). O comparecimento das relações objetais idealizadas, por exemplo, com um pai presente, e afetuoso; a vivência com outras crianças, e com brincadeiras, que nos remetem ao princípio do prazer, e ao desejo de um retorno a infância roubada.</p>
---	---

No protocolo de Joana verificamos a presentificação maciça de sua história, com muito sofrimento, devido ao desamparo precoce, bem como as falhas narcísico-identificatória. Uma infância roubada mediante o abuso sofrido; o retorno para essa infância é atuado na idealização, com o desejo de brincar como fazem as outras crianças. Contudo esse desejo é frustrado, a medida que os objetos são negligentes, e violentos, não resgatando Joana desse desamparo, deixando-a vulnerável, diante da falta do outro.

Concluindo, a saída estrutural de Joana tem sido investir na relações de objeto, de forma idealizada, entretanto, essa busca malogra frustração, tendo em vista que os objetos são faltosos, diante de seu pedido, gerando desamparo, e uma fratura narcísica. Os procedimentos obsessivos são utilizados, mas não dão conta de sustentar a falha no processo de simbolização, deixando-a vulnerável, sendo sua saída através do protocolo excorporar as falhas precoces da sua constituição psíquica.

PROCEDIMENTO DESENHO FAMÍLIA COM ESTÓRIAS



ESTÓRIAS:

Estória 1 – A mãe não gosta dos filhos

É uma família que tinha um monte de filho, o padrasto pegou e mandou a mãe deles escolher: eles ou ele. Aí ela escolheu ele. Aí ela pegou e expulsou sua filha de casa. E a filha (começa a chorar), foi embora de casa e nunca mais voltou. E não viu seus irmãos mais, ela pegou e foi embora com o marido dela. Aí a filha pegou e foi morar com a prima. Aí o marido fez uma confusão aí eles ligaram e disseram que iam pra lá e a filha disse que não queria, mas eles foram mesmo assim. Aí assim que eles chegaram ela e a prima dela saíram, forma morar na casa da tia dela (da mãe da prima dela)

Estória 2 – Eu No Futuro

Eu meu filho e a casa que eu gostaria de ter para criar meu filho. Morava eu, minha professora e ela disse que ia comprar uma casa pra mim e pro meu filho, pra não ficar na casa um do outro, disse que ia fazer uma pra mim, uma pra ela, tipo um apartamento. Perto da casa dela, que tem um quintal, pra mim, pra filha de lá e pro filho dela, pra cada um ter a sua casinha, construí as suas coisinhas.

Estória 3 – Minha Tia Tava Triste

A minha tia e a filha dela que tava doente ia passar a semana lá porque não tava bem. Aí lá ela começou a piorar e levaram ele para o pronto socorro. Aí de lá ele voltou um

pouco melhor e transferiram ele para UPA. Aí de lá ele foi fazer um exame e ficou internado de novo. Aí de lá minha tia passou uns tempos com ele.

Estória 4 – Uma Família Feliz

Era um final de semana todo reunido, Daniel fazendo um churrasco e aí tava o Estevão, tava minha tia Francisca, tava eu e meu filho. Tava a Lulu, e a filha dela recém nascido e o marido dela o Zeca. Tava todo mundo feliz.

SÍNTESE INTERPRETATIVA

O protocolo do DF-E, assim como no TAT são relatos de conteúdo biográfico de Joana, o processo primário tendo seu imperativo em detrimento do secundário. A problemática edipiana é reatualizada a partir do ressentimento do casal parental, no qual o pai é descrito como alguém que não cuida, que não auxilia, prefere os outros à adolescente.

Os vínculos afetivos são frágeis, com presente ameaça da perda do objeto, bem como a dificuldade de formação de vínculos positivos; o padrasto é evocado como aquele que tira seu lugar de criança – o roubo da infância – e a faz rivalizar com o objeto materno, destituindo seu lugar identificatório do feminino.

No relato de Joana o que parece ser mais doloroso além do abuso sexual, e da gravidez advinda dessa situação, é o fato do abandono materno, que aparece no registro dos dois protocolos tanto no DF-E, quanto do TAT, essa (des)escolha materna acarreta angústia de abandono, desamparo e falta de apoio, Joana fica a mercê de sua própria (in)capacidade de identificações secundárias, que nunca remontam a cena originária do Édipo.

Na estória que relata sobre seu futuro, parece haver uma fantasia de uma possível existência, sem o sofrimento do abandono, a possibilidade de haver uma casa sua, de que seu filho ser possa ser uma criança como as outras, mas esse desejo é

deixado na mão de outros, sua existência depende da possibilidade do outro em realizar ou não esse desejo, um outro mítico que nunca se apresenta, o que nos remete a falta do objeto primário nutritivo e acolhedor, que permitisse ao sujeito a constituição psíquica que levasse à autonomia.

Devido as dificuldades precoces da estruturação edípica, podemos ver a dificuldade de simbolização – o surgimento do processo secundário – assim como no protocolo do TAT, o processo primário emerge dificultando os processos identificatórios, bem como a tomada pelos afetos super investidos, como por exemplo, a necessidade de ser amada pelo objeto, o choro sempre presente,

Para Joana assim como para as outras adolescentes, o procedimento DF-E, serviu como um instrumento catártico, no qual foram trazidas as narrativas relativas ao abuso sexual, as conflitivas edípicas, as dificuldades dos processos primários e secundários, bem como a dificuldade nos processos identificatórios, que parecem situar as adolescentes em problemáticas limites, de uma dada servidão ao objeto como único meio de sobrevivência.

4.2. Considerações gerais sobre a problemática do Édipo

4.2.1. O Complexo de Édipo e as Fraturas

O complexo de Édipo proporciona à criança as coordenadas psíquicas ao mesmo tempo que inscreve nela um modo particular de investimento libidinal e de escolha do objeto, a sexualização dos vínculos com os pais constitui uma contribuição essencial para compreender o destino de um sujeito.

Segundo Marty (2012) o fato de que a criança ter de investir libidinalmente seus próprios pais como primeiros objetos de desejo e de ódio, simultaneamente, terá

por consequência ligar desejo e interdito: o primeiro objeto investido sexualmente pela criança se descobre ser ao mesmo tempo pai, seu genitor. Essa coincidência levará a criança a se reconhecer (e a ser reconhecida por seus pais) como sujeito desejando no momento em que esse desejo visa a um objeto rompido do selo do interdito.

O complexo de Édipo é nesse sentido, um processo de simbolização que permite à criança localizar-se relativamente ao seu pertencimento sexuado, aos seus ascendentes, à sua filiação, consideramos assim a própria base da capacidade de pensar como sujeito, processo – o da subjetivação – essencial para a própria existência.

A partir das contribuições dos protocolos de TAT, temos algumas considerações a serem feitas sobre o complexo de Édipo em vítimas de violência. As pranchas 2, 4, 6MF e 10, permitiram que pudessem visualizar de modo pleno, as fraturas ocorridas precocemente, e na confusão que tais falhas ocasionaram na compreensão de uma relação objetal.

Na prancha 2 cuja problemática é o fantasma evocado, nos quatro protocolos temos confusões identitárias que tornam impossível o acesso à triangulação, ocorrendo em substituição, os mecanismos especulares da relação materno-infantil arcaica, ou seja, numa problemática pré-edípica, o que dificultará a constituição da identificação no segundo tempo na adolescência.

Em consonância ao cartão 2, os cartões 4, 6MF e 10, que evocam a questão da relação heterossexual, e da diferenciação geracional, as pranchas foram utilizadas como objetos transacionais, nas quais as histórias edípicas eram atualizadas, ou seja, podemos supor que por conta do incesto no segundo tempo, o que deveria advir como um interdito na castração, que não ocorre no primeiro tempo do Édipo, é atuado no segundo tempo, portanto, a relação heterossexual, é a relação edípica.

Podemos compreender essa dificuldade de simbolização, se percebemos que o Édipo é momento biográfico no qual estabelecemos o processo secundário, em detrimento do primário, com a simbolização e a linguagem, as diferentes posições das pessoas se distinguem, o que não percebemos nos protocolos, já que as vítimas apresentam um funcionamento que flutua entre a emergência de processos primários, e dos processos neuróticos, logo nos remetendo a uma problemática da instabilidade dos limites.

O complexo de Édipo é um organizador capital da vida psíquica, não é somente uma etapa do desenvolvimento da libido da criança; seria antes, o advento de um modo de relação consigo e com o outro que vai determinar o conjunto da vida do sujeito. Nos possibilitando operar dentro da lógica da castração, e da diferenciação entre eu e o outro, para que se instaure o processo identificatório.

Assim o Édipo a seu título, uma configuração relacional que organiza os vínculos entre os indivíduos ordenando-os em torno do interdito do incesto, de tal maneira que cada um possa se localizar, introduzindo o desejo incestuoso pelo objeto do interdito, o complexo de Édipo liga o desejo a lei (Marty, 2012)

Portanto, o interdito paterno se torna essencial para que o narcisismo infantil seja preservado, e as vicissitudes identificatórias possam ser garantidas, possibilitando a criança reconhecer o objeto de seu desejo e ser reconhecida como sujeito desejante ao mesmo que lhe seja imputada a interdição da satisfação imediata buscada.

Dessa forma Marty (2012) refere-se ao Édipo como um esquema de relações cuja estrutura faz aceder a criança ao registro do simbólico introduzindo a referência terceira à lei do pai, tal estrutura oferece à criança meios de se distinguir como menino ou menina, sujeito de desejo, distinto, separado do imaginário materno.

A posição edípica permite a identificação da criança com o pai, e sua introjeção instaurando assim o superego, os ideais parentais são instalados no interior do aparelho psíquico, bem como os interditos fundamentais que vão doravante vir em socorro do ego em sua luta contra as pulsões do id.

Nos protocolos do TAT podemos ao percebermos as falhas básicas na constituição edípica, compreendemos que há um superego primitivo, que é convocado a agir através dos procedimentos obsessivos do protocolo, por exemplo o uso da referência a realidade externa, o uso da dúvida, da hesitação para a narrativa, com que na tentativa de convocar os recursos egóicos para a produção de um processo secundário, mas que fica suspenso a medida que o interdito não opera, e a dialética ter/ser falo fica aberta, não posicionando o sujeito frente a sua demanda.

Se como diz Marty (2012) o complexo de Édipo com seu caráter universal é a diferenciação das instâncias psíquicas (daí o superego) aparece como uma dimensão fundamental do sujeito, temos que nas vítimas de abuso sexual, essa diferenciação das instâncias é precária, ocasionando a cristalização do sujeito numa fixação pré-edípica ademais de seu suposto desejo, o objeto portanto, não se instaurou, e daí resulta a fragilidade identificatória que se apresenta para o sujeito abusado.

A partir do declínio do complexo de Édipo, a criança já está desinvestida, pela impossibilidade da realização do desejo incestuoso, essa renúncia facilita o deslocamento do investimento e a descoberta de outras possibilidades de gratificações narcísicas.

O complexo despertará com a puberdade, reassumirá vida com novos acentos, uma nova força também, o adolescente dispendo presentemente dos meios de realizar o que não passava de fantasma para criança (Marty, 2012).

Os fantasmas edípianos – incesto e parricídio – são confrontados violentamente com a realidade frustrante, impossibilitando a realização, a criança abandona o Édipo, efetuando uma renúncia para não perder o amor parental do qual é dependente, e que só poderá substituir com o advento do pubertário.

Como aponta Marty (2012) diferentemente do mito que possui um valor universal, pelas respostas que ele dá a questões que não formula, o complexo é pessoal, cada homem vive pessoalmente certo tipo de relação com seus pais, cada homem deve resolver à sua maneira o enigma relativo às suas origens, seu reconhecimento como ser sexuado, cada homem tem sua maneira de viver seu complexo de Édipo, o mito é uma referência literária e coletiva, as origens para cada um são naturais (verdadeiras) e singulares (pessoais).

Portanto o complexo de Édipo existe e é impossível passar por incólume, ao olhar para os protocolos das adolescentes vítimas, percebemos que a operação edípica mesmo universal, atualiza problemáticas singulares, e fraturas localizadas em diferentes movimentos psíquicos, em alguns momentos promovendo o processo adaptativo, e em outros dificultando a possibilidade do advir do objeto, mas o que podemos verificar é que tais falhas terão repercussões na constituição identitária, assunto que abordaremos a seguir.

4.2.2. As Vicissitudes da Identificação no Incesto

Segundo Chagnon (2012) os processos de identificação constitutivos da permanência identitária asseguram a coesão narcísica e interrogam o sujeito por ocasião de cada crise existencial. Em particular na adolescência, impõem um tensionamento entre permanência, estabilidade estrutural e mudança: a vida psíquica passa assim por

movimentos dialéticos e complementares de identificação e de depreciação identificatória.

A identificação é estruturante, e permite a criação da interioridade do sujeito, com instâncias diferenciadas, nosso aparelho psíquico edifica-se a partir de uma situação paradoxal que, na verdade, é tríplice: dentro = fora, ser = ter, causa = efeito (Neto, 2005)

A partir das observações dos destinos do complexo edípico, e das contribuições das técnicas projetivas, percebemos que as fraturas existentes no primeiro tempo do Édipo infantil, trouxeram consequências quando de sua reedição na adolescência, já que a intrusão traumática do incesto provocou uma problemática identitária conflituosa para as vítimas.

Para que possamos compreender essa problemática, utilizaremos como referência o conceito de Roussillon (2006) sobre sofrimento identitários-narcísicos no qual a discussão da identificação é realizada a partir de um ego que se apresenta mal delimitado em suas fronteiras e que recorre a defesas elementares diante do excesso pulsional, sendo recorrente em situações onde há predominância dos elementos traumáticos e irrepresentáveis no psiquismo, aqui no caso o incesto.

Segundo Santos (2010) abordar tais situações por esta ótica significa afirmar que sua problemática engaja uma questão identitária, fazendo nos supor que nas bases destas questões se encontra uma intensa dificuldade de separação entre o eu e o outro, déficit associado a um prejuízo na elaboração de um processo identificatório, de modo satisfatório que teria como pressuposto básico a possibilidade do eu se distanciar e fazer o luto de seu objeto, podemos perceber que nos estudos de casos apresentados essa dificuldade de diferenciação eu/outro é notório, com a utilização em algumas

pranchas do escotoma de objeto, e em outras o objeto persecutório evocado como mau, com a presença da angústia depressiva.

Segundo Cardoso (2010b) nesses casos há um investimento permanente do objeto, é como se o sujeito só pudesse atestar sua existência com a presença deste outro, buscando o vivido de sua cena psíquica nos objetos exteriores. Esta convocação do outro pressupõe, dentre muitos outros aspectos, um estado de permanente abertura do espaço psíquico àquilo que está fora, marcando uma intensa dificuldade de separação, de assimilação e de perda do objeto.

No caso do incesto como podemos perceber – parafraseando Colete Soller e o título de seu livro *Inconsciente a céu aberto* – é como se o psiquismo das vítimas estivesse a céu aberto, e a necessidade dos procedimentos da série da rigidez, como por exemplo, referência à realidade externa, bem como os procedimentos do tipo obsessivo, estaria a serviço da tentativa de tamponamento dessa ameaça intrusiva, e da ruptura interna pela violência traumática.

Impossibilitado de dar conta da perda do objeto primário, pois esta perda acaba por se confundir com a perda de si próprio, o ego não consegue estabelecer nenhuma construção fantasmática que lhe permita associar à dor da perda uma representação (Santos, 2010), os processos de simbolização, portanto estão fraturados, o que podemos verificar, com maior tipo de estruturação encontrados nos protocolos, com a emergência do processo primário, flutuando para os processos de rigidez.

Temos assim um caminho identificatório a percorrer para clarear a problemática, vamos partir da identificação narcísica, realizando uma costura com a clivagem, contribuindo com a discussão a partir do incesto.

Segundo Santos (2010) a dificuldade de separação entre o eu e o outro, nos leva a noção de identificação narcísica, este tipo de identificação só pode se apresentar

quando há a primazia de uma escolha narcísica de objeto, inserido neste modelo identificatório, o ego não pode se confrontar com o diferente de si, e, por conta disso, precisa transformar imperativamente o outro em um outro igual a si.

Para Chagnon (2012) a principal consequência desse tipo de identificação é um escoamento maciço da libido para o ego, seja através da identificação do ego com o objeto primário, seja pela escolha de um objeto que representa simbolicamente o próprio ego do sujeito, em detrimento de um investimento libidinal da alteridade.

Temos assim que a identificação narcísica nos impõe um conflito entre eu/não eu, para uma questão do ego, temos assim que uma parte do ego acaba se tornando 'estranha' à outra, temos assim uma alteridade radical dentro da própria estrutura egóica, temos assim a identificação narcísica associada a clivagem.

A partir dos resultados do TAT, podemos pensar a problemática identitária da vítima da seguinte maneira: as fraturas do complexo de Édipo no primeiro tempo infantil, e a dificuldade de interdição da falha da função paterna, dificultaram a instauração da problemática identitária com um objeto estável. No segundo tempo do Édipo - na adolescência - a intrusão do incesto, promoveu um excesso pulsional e reincidiu sobre a problemática identitária já fraturada, provocando um desamparo terrorífico.

A saída para sobrevivência psíquica foi operar egoicamente com a clivagem dividindo o objeto em duas partes: 1) uma parte boa que serve aos aspectos da identificação narcísica, servindo como apoio para a manutenção do sujeito; 2) e por outro lado uma parte do objeto é deixado fora do psiquismo (excesso traumático) que retorna como objeto persecutório mau haja visto a impossibilidade de simbolização, que demandaria a realização do trabalho de luto, mas que não acontece já que reconhecer a perda do objeto seria também perder uma parte de si mesma identificada

narcisicamente, bem como permitir ao traumático penetrar no psiquismo com toda a violência.

Retomamos assim uma servidão ao outro para garantir um eixo identitário, e na confusão própria dessa servidão objeto não se impor quando deveria estar ausente, nem se ausente quando deveria se impor, os limites maus estabelecidos provocam desespero, e angústia depressiva.

A identificação narcísica e a clivagem operam como eixo estruturante psíquico das vítimas para que o ego não entre em colapso, e se deixe tomar pelos processos primários psicóticos, deixando-as em ‘estados limites’, mas com a possibilidade ainda de vir a mudar os processos identitários a partir do dispositivo da psicoterapia.

A dimensão interna do psiquismo comporta e revela as relações do sujeito com a externalidade, assim como, pela via inversa, o estabelecimento de tais relações informa sobre o que se passa na esfera intrapsíquica. Nesse sentido, reconhecemos necessária imbricação dos objetos com a pulsão, mesmo porque, a rigor, nenhum psiquismo poderia ser constituído sem um objeto para atender as insuficiências do sujeito (Mello & Herzog, 2012)

Dessa forma como o objeto responde em prol da ativação pulsional vai interferir substancialmente na organização psíquica do sujeito, posto que não existe eu sem o outro.

Sendo o incesto uma relação de grande potencial traumático, a clivagem opera como uma possibilidade de ligação e de reorganização identitária, para que os recursos internos não sejam esgotados, e que o ego se mantenha em estado de funcionamento, o traumático, permanece fora do psiquismo para que o sujeito não tome o sentimento de culpa, e enquanto efeito sadomasoquista venha a volta toda a violência contra si mesmo.

Segundo Santos (2010) através da noção do duplo, podemos compreender a estraneidade da alteridade radical não assimilada pelo e no ego. O outro passa a ser um complexo dissociado de si, e a escravização do sujeito a este tipo de relação marca a predominância de um amor narcísico, pois o outro é exatamente a parte do eu não metabolizada. Trata-se de uma situação onde o sujeito identifica-se com o outro de tal forma que ou fica em dúvida sobre quem é o seu eu (self) ou substitui o seu próprio eu (self) por um estranho.

Portanto, as vítimas de incesto apresentam uma problemática identitária semelhante as problemáticas identitárias-narcísicas, enquanto sujeitos com uma constituição limite, na emergência de processo primários advindos da falha básica do processos originários, dificultando a possibilidade de simbolização traumática, e do apagamento do objeto, tornando assim o sujeito servo de um outro que o auxilie na constituição de um eu.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A adolescência é um momento importante no ciclo de desenvolvimento do sujeito, tendo em vista os reajustes físicos e psíquicos que são reatualizados. Retomando a perspectiva freudiana, da re-elaboração edipiana, teremos os reajustes identitários e com desenvolvimento da perspectiva de Gutton, temos assim, uma violência traumática, seguida do trabalho de rearticulação diante da demanda pulsional.

Nos avatares da constituição subjetiva, os sujeitos só podem ascender a condição identitária na medida em que vivenciam o Complexo de Édipo, a partir da entrada na dialética fálica, o que possibilitará a elaboração psíquica, através dos processos secundários, em detrimento dos processos primários.

No entanto, na perspectiva de um desenvolvimento dito “normal” a vivência da adolescência já resguarda algo de violento, e confuso, podemos compreender que se um evento traumático acontece nesse momento de re-elaboração, o sujeito adolescente pode experimentar com uma problemática limite.

Algumas considerações podem ser tecidas a partir dos resultados da pesquisa:

A primeira consideração se deve ao uso da avaliação psicológica, e mais especificamente, das técnicas projetivas, no escopo dessa pesquisa utilizamos: 1) TAT na abordagem francesa e 2) procedimento Desenho Família-Estória, tais técnicas possibilitaram uma ampliação das relações de objeto e do contexto familiar respectivamente.

A partir das análises dos protocolos de TAT podemos perceber que as adolescentes apresentavam uma problemática pré-edípica. Com relação a função materna, os efeitos no Complexo de Édipo ocasionou o que denominamos como uma

fissura, o que no primeiro tempo constituiu uma fratura na problemática identitária, portanto, a constituição do Eu já apresentava uma falha básica.

O TAT possibilitou compreender que essa fissura, tem consequências na elaboração psíquica do sujeito, e os processos secundários, deixando o sujeito numa permanente evocação dos processos primários. Assim os estímulos das pranchas não elaboradas, permanecendo como recursos de projeção maciça.

De modo geral o TAT na abordagem francesa demonstrou através da sua avaliação, que os adolescentes apresentavam uma dificuldade identitária, ou seja, na constituição do eu, com efeitos no segundo tempo da adolescência implicando na diferenciação Eu/Objeto. As adolescentes apresentavam dificuldades na relação com o objeto, por vezes presentificado como persecutório, o objeto mau por vezes, foi nomeado como safado, ou que apresentava cara de safado, fazendo uma menção direta ao abuso sexual sofrido.

A problemática edipiana necessita no primeiro tempo, do terceiro que possibilite identificação, ou seja o protótipo do processo identitário, de modo a promover a entrada na dialética edipiana, a partir da avaliação no segundo tempo do complexo de Édipo a dificuldade que existe é confusão, e ameaça, temos então que deveria ser da ordem do amor/ternura, é presentificado de modo sexual, agressivo e persecutório.

No plano afetivo, os protocolos de TAT foram investidos de modo maciço, o afeto depressivo foi o principal, tal característica se deve provavelmente a vivência do incesto, concomitante podemos verificar dois processos presentes nos protocolos: 1) de um lado uma mãe pouco protetiva, por vezes vista como morta - lembrando o conceito de Green (1980) - e que não propiciava para a vítima uma possibilidade de apoio frente ao traumático, podemos pensar inclusive como uma depressão anaclítica; 2) a perda do

objeto que investido de ternura, acabava por ser renunciado à medida em que a violência sexual se tornava mais excessiva, retomando o conceito de identificação com o agressor de Ferenczi (1933), podemos perceber que as adolescentes, mantinham uma relação ambivalente com o objeto de incesto..

No aspecto estrutural a partir do TAT, podemos perceber que as vicissitudes defensivas e constitutivas apontavam para problemáticas limites, no qual os processos de simbolização eram precários, as diferenciações eu/objeto fraturadas, e as angústias de abandono e engolfamento presentes. Como recurso defensivo a identificação narcísica e a clivagem foram evocadas para auxiliar a sobrevivência psíquica.

O DF-E apresentou resultados referentes ao contexto familiar; no primeiro momento o instrumento foi utilizado como uma possibilidade de expressão de conflitos em entrevistas de revelação, já que os procedimentos lúdicos tende a favorecer a expressão de afetos de maneira subliminar.

O procedimento foi investido de idealização, como por exemplo com a representação de famílias muito idealizadas, relações parentais idealizadas, e como recurso anti depressivo. As adolescentes vítimas apresentavam as vicissitudes de seu desejo, que seria um contexto familiar mais harmonioso, onde todos os membros se amassem, onde houvesse dialogo, e não houvesse espaço para conflito e violência.

Em formas correlacionais temos o TAT apresentando de forma profunda as relações de objeto do sujeito, e o DF-E mostrando o prognóstico da intervenção terapêutica, demonstrando que apesar das fissuras, as adolescentes desejam uma saída positiva, frente à violência sofrida. A mensagem latente é que apesar da violência ao qual estão expostas elas têm o desejo de sair dessa situação, e serem felizes.

Concluindo a partir dessa pesquisa podemos repensar as questões traumáticas, identitárias e identificatórias das situações de abuso sexual na adolescência. Para a

sobrevivência psíquica, as vítimas investiram na identificação narcísica com apoio da clivagem, em nosso entendimento temos então o seguinte panorama: 1) a adolescente apresenta uma fissura pré-edípica, ou seja, já havia uma primeira dificuldade identitária-identificatória precoce; seguida de 2) a entrada no pubertário, o que ocasiona o segundo momento traumático de trabalho psíquico, no qual o corpo erógeno é investido, o Édipo é reatualizado, temos assim um segundo trauma; e por último 3) o incesto reativando o primeiro trauma, e potencializando o segundo de forma abrupta. Temos assim um triplo trauma, e ao pensar nessa situação, nos suscita como é possível alguém sobreviver a essa vivência tão desorganizadora?

Em consonância com os estudos de Ferenczi, as adolescentes utilizaram a identificação com o agressor – o que poderia causar mais sofrimento – bem como a identificação narcísica, ou seja, deixam a parte boa do objeto entrar e nutrir o ego, possibilitando assim a sobrevivência psíquica, e fazendo uso da clivagem, deixam o objeto mau fora, ou seja, o abusador e sua violência, eis o motivo pelo qual esse objeto é sempre presentificado, afinal, o traumático está na periferia do psiquismo, sendo estrangeiro e notado como tal, aguardando a elaboração psíquica.

Essa pesquisa possibilita a compreensão psíquica do funcionamento psíquico de adolescentes vítimas de abuso, o que é muito importante, haja vista, que temos poucas pesquisas com esse delineamento, a maioria dos estudos tem como objeto o abuso na infância. Além de propiciar a compreensão das relações de objeto e da constituição psíquica, e dos desajustes que o impacto do incesto tem na vida dos adolescentes.

No entanto é necessário, que esse estudo seja mais amplo, com uma amostra maior, e também com vítima de abuso extrafamiliar, bem como estudos comparativos com adolescentes que não sofreram abuso, o que nos possibilitariam, por exemplo, um

estudo de validade para diagnóstico aproximado, bem como instrumentos de captação desse tipo de violência.

Este estudo não pretende finalizar, mas ao contrário, possibilitar a abertura de discussão sobre o traumático no abuso sexual, bem como demonstrar quais mecanismos estão em jogo, entre as variáveis do desenvolvimento da adolescência e com a intrusão do incesto, e suas vicissitudes.

REFERÊNCIAS

- Albornoz, A.C.G. (2011) Desenho da Figura Humana: indicadores de abandono, abuso sexual, e abuso físico em crianças. Tese de Doutorado não publicada. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Amazarray, M.R. & Koller, S.H. Alguns aspectos observados no desenvolvimento de crianças vítimas de abuso sexual. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.11, pg. 559-579.
- Araújo, M.F (2002) Violência e abuso sexual na família. *Psicologia em Estudo*, v. 7 n.2, pg 3-11.
- Arpini, D. M., S. A. C., & Savegnago, S. D. O.. (2012). Trauma psíquico e abuso sexual: o olhar de meninas em situação de vulnerabilidade. *Psicologia: teoria e prática*, 14(2), 88-101.
- Aron , B. (1949) A manual for analysi of the Thematic Apperception Test: A method and technique for personality research. Berkeley, CA: William Berg.
- Cahn, R. (1978) Adolescence et folie: L'Aventure de la subjectivarion. Paris: PUF.
- Chabert, C. (2004). *Psicanálise e Métodos Projetivos*. Vetor. São Paulo.
- Chagnon, J.Y. (2012) A identificação. In: Marty, F. (org). Os grandes conceitos da psicologia clínica. São Paulo.
- Corso, D.M.L. (2002) Édipo, Latência e Puberdade: A construção da adolescência. In: *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, nº 25, Porto Alegre, Associação Psicanalítica de Porto Alegre.
- Cromberg, R.U. (2001) *Cena Incestuosa: Abuso e Violência Sexual*. Casa do Psicólogo. São Paulo.
- Dantas, N.M. (2002) *Adolescência e Psicanálise: Uma possibilidade teórica*. Dissertação de mestrado não publicada. Recife, Pernambuco.
- Emmanuelli, M. (2011) As saídas para o trabalho psíquico da adolescência. *Psicologia em Estudo*, v.16, n. 1, pg.51-60, Maringá.
- Emmanuelli, M. & Azoulay, C. (2008) *As técnicas projetivas na adolescência: abordagem psicanalítica*. Vetor, São Paulo.
- Ferenczi, S. (1933) Confusão de línguas entre ao adultos e as crianças. In: *Escritos Psicanalíticos*. Rio de Janeiro, Taurus, s/d.
- Fine, R. (1955). Manual for a scoring scheme for verbal projective techniques (TAT, MAPS, stories, and the like). *Journal of Projective Techniques*, v. 19, pg. 306-209.
- Finkelhor, D., & Browne, A. (1985). The traumatic impacto f child sexual: a conceptualization. *American Journal of Orthopsychiatry*, n.55, pg. 530-541.

Fonseca, A.R, & Capitão, C.G. (2008), Abuso sexual na infância: um estudo de validade de instrumentos projetivos. *Psic – Revista de Psicologia da Vetor Editora*, v. 6, n.1, pg.27-34, São Paulo.

Franca Neto, O. (2005) Identificação e culpa: questões éticas contemporâneas. *Ágora* (Rio de Janeiro), Rio de Janeiro, v. 8, n. 1.

Freud, S. (1895). Projeto para uma Psicologia Científica. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. I, p. 335-454.

_____.(1905). Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. VII, p. 1119-217.

_____.(1913). Totem e Tabu. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIII, p. 13-163

_____. (1921). Psicologia de Grupo e Análise do Ego. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XVIII, p. 79-154.

_____ (1923). A Organização Genital Infantil: Uma Interpolação na Teoria da Sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006, vol. XIX, p. 155-161.

Gava, L.L., Pelisoli, C., & Dell'Áglio, D.D.(2013). A perícia psicológica em casos de suspeita de abuso sexual infanto-juvenil. *Avaliação Psicológica*, v.12, n.2, pg.137-145.

Gil, A.C. (2006). Como elaborar projetos de pesquisas. Atlas, São Paulo.

Guter, J.B (2000) Traumas Precoces. Abuso sexual, daño em la constitución del psiquismo infantil. *Revista de Psicoanálisis*, v. 57, pg. 40-432.

Habigzang, L. F., Corte, F. D., Hatzenberger, R., Stroehel, F., & Koller, S. H. (2008). Avaliação psicológica em casos de abuso sexual na infância e adolescência. *Psicologia: reflexão e crítica*, 21(2), 338-344.

Habigzang, L.F & Koller, S.H. (2011) Intervenção psicológica para crianças e adolescentes vítimas de violência sexual: Manual de Capacitação de profissional. Casa do Psicólogo, São Paulo.

Hachet, A. (2006) Entre prevenir e normalizar, que lugar terá o sofrimento da criança? *Ágora*, v. 9, pg. 27-34.

Henderson, O. (1990). The object relations of sexually abused girls. *Melanie Klein and Object Relations*, v. 8, pg. 63-76.

Jung, F.H. (2006). Abuso sexual na infância: Uma leitura fenomenológica-existencial através do psicodiagnóstico de Rorschach. In: Abreu e Silva Neto, N. & Amparo, D.M (orgs) IV Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos

Projetivos: Instrumentos atuais para investigação psicológica da cultura. AsBro, Brasília.

Kosovski, G.F. (2014). Construção da imagem de si, desestabilização e adolescência. Arquivos Brasileiro de Psicologia, Rio de Janeiro, v. 66, n. 1.

Laplanche, J. & Pontalis. (2001) Vocabulário de Psicanálise. 4ª edição. Martins Fontes, São Paulo.

Lima, C.B. Procedimento de Desenhos de Família com Estórias: tendências atuais. In: Trinca, W. (org) Formas Compreensivas de Investigação Psicológica: Procedimentos de Desenhos-Estórias e Procedimentos de Desenhos de Família com Estórias. Vetor. São Paulo.

Macdonald, G., Higgins, J.P.T & Ramchandani, P. (2006). Cognitive-Behavioural Interventions for Children who have sexually abused. Cochrane Database of Systematic Reviews.

Malgarim, B.G., & Benetti, S. P.C. (2010) O abuso sexual no contexto psicanalítico: das fantasias edípicas do incesto ao traumatismo. Aletheia, n.33.

Malgarim, B.G., & Benetti, S.P.C (2011) O abuso sexual: estudos de casos em cenas incestuosas. Estudos em Psicologia, v.28, n.4, pg. 511-519.

Mess. L.A. (2001) Abuso sexual – Trauma Infantil e Fantasias Femininas. Artes e Ofícios, Porto Alegre.

Marty, F& Cardoso, M.R. (2008) Adolescência: Um percurso franco-brasileiro. In: Cardoso, M.R. e Marty, F (Org.) Destinos da Adolescência, Editora 7Letras, Rio de Janeiro.

Marty, F. (2008) O genital, impasses e acesso. In: Cardoso, M.R. e Marty, F (Org.) Destinos da Adolescência, Editora 7Letras, Rio de Janeiro.

Marty, F. (2012). O complexo de Édipo ou a questão das origens. In: Marty, F. (org). Os grandes conceitos de psicologia clínica, São Paulo.

Mello, R. & Herzog, R. (2012) Psiquismos clivados: vazio do sentido e insistência no sentir. Cadernos de Psicanálise – CPRJ, v.34, nº27, pg.65-81, jul/dez, Rio de Janeiro.

Mendes, A.P.N e França,C.P. (2012) Contribuições de Sándor Ferenczi para a compreensão dos efeitos psíquicos da violência sexual. Psicologia em Estudo, vol. 17, nº1, pg. 121-130.

Nasio, J.D. (2007) Édipo: O complexo do qual nenhuma criança escapa. Jorge Zahar, Rio de Janeiro.

Ornduff, S.R., Freedendfeld, R.N., Kelsey, R.M. & Critelli, J.W. (1994). Object relations of sexually abused female subjects: A TAT analysis. Journal os Personality Assesmente, v.63, pg. 223-238.

- Ouvry, O. (2011) Corpo e novidade puberal. *Ágora* (Rio Janeiro), Rio de Janeiro, v. 14, n. 2.
- Pacheco, M.L.L. (2011) Respostas ao teste contos de fadas em crianças com e sem vivência de abuso sexual. Dissertação de mestrado não publicada. Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre.
- Perón, P.R. (2007) Considerações teóricas ferenczianas sobre o trauma. *Psicologia Revista*, Vol. 16, nº1 e nº2, pg.13-27, São Paulo.
- Pistole, D.R. & Ornduff, S.R. (1994). TAT assessment os sexually abused girls: An analysis of manifest contente. *Journal of Personality Assessment*, v. 63, pg. 761-769.
- Prado, M. C.C.A., & Féres-Carneiro, T. (2005). Abuso sexual na infância e adolescência. *Jornal de Pediatria Rio de Janeiro*, v.81, n.5 pg 197-204.
- Primi, R. (2010). Avaliação psicológica no Brasil: fundamentos, situação atual e direções para o futuro. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, v.26, pg. 25-36.
- Rodrigues, J.L., Brino, R.F. & Williams, L.C.A (2006). Concepções de sexualidade entre crianças e adolescentes com e sem histórico de violência sexual. *Paidéia*, v. 16, n.34, pg. 229-240.
- Roussilon, R. (2006). *Paradoxos e situações limites da psicanálise*. Editora Unisinos, Porto Alegre.
- Santos, L.R.F. (2010) Identificação e estados limites: o amor de si e o amor do outro. In: *Anais do IV Congresso Internacional de Psicopatologia Fundamental*. Curitiba.
- Scortegagna, S.A., & Villemor-Amaral, A.E. (2012). Uso do Rorschach na investigação do abuso sexual infantil. *Paidéia*, v.22, pg.271-280.
- Siqueira, A. C., A. D. M., & S., S. D. O. (2011). Família e abuso sexual na perspectiva de adolescentes em situação de vulnerabilidade social. *Aletheia*, (34), 109-122.
- Silva, M.C. de V.M.(1983). TAT: aplicação e interpretação do Teste de Apercepção Temática. EPU. São Paulo.
- Stovall, G., Craig, R.J. (1990). Mental representations of physically and sexually abused latency-aged females. *Child Abuse and Neglect*, v.14, pg.233-242.
- Tardivo, L.S de L.C., Pinto Júnior, A.A., Santos, M.R. (2005) Avaliação psicológica de crianças vítimas de violência doméstica por meio dos testes das fábulas de Düss, *Psic: revista da Vetor Editora*,6(1), 59-66.
- Taylor, B., & Franzen, S. (1986) The internalized object relations scale. Unpublished manuscript, University of Chicago.

Trinca, W., & Tardivo, L.S.L.P.C. (2000) Desenvolvimento do Procedimento de Desenhos-Estórias(D-E). In: Cunha, J.A. (org) Psicodiagnóstico-V. Artmed, Porto Alegre.

Trinca, W. (2013). Apresentação do Procedimento de Desenhos-Estórias. In: Trinca, W (org.) Formas Compreensivas de Investigação Psicológica: Procedimentos de Desenhos-Estórias e Procedimentos de Desenhos de Família com Estórias. Vetor, São Paulo.

Vilas Boas, L. M. (2013) A clínica do Adolescente: Vicissitudes da angústia e da transferência no agir violento. Dissertação não publicada. Brasília.

Vitiello, N. (1989). Vitimização Sexual: Consequências orgânicas. In: Azevedo, M.A & Guerra, V.N.A (Orgs.) Crianças Vitimizadas: a Síndrome do pequeno poder. Violência Física e Sexual contra a crianças e adolescentes. Iglu. São Paulo.

Ullman, S.E. & Filipas, H.H. (2005). Gender differences in social reactions to abuse disclosures, post-abuse coping, and PTSD of child abuse survivors. *Child Abuse and Neglect*, n. 29, pg. 767-782.

West, M.M. (1998) Meta-Analysis of studies assessing the efficacy of projective techniques in discriminating chil sexual abuse. *Child Abuse and Neglect*. V. 22, n.11 pg. 1151-1166.

Western, D., Lohr, N., Silk, K., Kerber, K., & Goodrich, S. (1985). Object relations and social cognition TAT scoring manual. Ann Arbor, MI: University of Michigan.

Zivney, O.A., Nash, M.R & Hulsey, T.L. (1988). Sexual abuse in early versus late childhood: Differing patterns of pathology as revealed on the Rorschach psychoterapy, v. 25, pg. 99-106.

ANEXO I

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – TCLE

Você está sendo convidado(a) à participar de uma pesquisa cujo objetivo principal é avaliar o funcionamento psíquico de adolescentes vítimas de violência sexual intrafamiliar. Para tanto, você participará de entrevistas clínicas e de um seguimento de tratamento psicoterapêutico que pode durar alguns encontros. Estes atendimentos psicoterapêuticos podem durar todo período da pesquisa que é de seis meses. Essas entrevistas servirão de material para a pesquisa.

Sua participação é voluntária você não terá nenhum tipo de despesa com a pesquisa, bem como nada será pago por sua participação. Você tem liberdade para decidir se quer ou não participar do processo psicoterapêutico. Você pode desistir de participar da pesquisa a qualquer momento, em qualquer estágio do processo, sem prejuízo nenhum financeiro ou pessoal. A participação na pesquisa não implica em complicações legais, talvez apenas em lembranças de alguns eventos diante da temática que será abordada. Ao participar desta pesquisa você terá o benefício direto do atendimento clínico.

Você concorda que os encontros sejam transcritos em forma de relatos. As transcrições serão utilizadas para estudar e melhorar os trabalhos na área da psicologia clínica, mais especificamente sobre o processo psicoterapêutico/psicanalítico. As sessões ocorrerão no Centro de Referência Especializada em Assistência Social – CREAS Rio Branco. As informações coletadas neste estudo são estritamente confidenciais. Se você concordar em participar do estudo, seu nome e identidade serão mantidos em sigilo. Somente os pesquisadores, terão acesso a suas informações. Os resultados serão divulgados em artigos científicos, preservando nomes e dados de identificação, e os dados obtidos com a pesquisa ajudarão a compreender melhor a realidade da clínica e também contribuirão para a melhoria dos serviços de atendimento a essa população.

Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 196/96 do Conselho Nacional de Saúde e nenhum dos procedimentos usado oferece riscos à sua dignidade. Desse modo, poderão ser divulgados em meios acadêmicos e científicos, respeitando-se os preceitos éticos exigidos pelas pesquisas. O pesquisador se compromete a estar sempre disponível para responder e esclarecer dúvidas a qualquer momento. Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa.

Se você tiver qualquer dúvida em relação à pesquisa, por favor, entre em contato com o Pesquisador Marck de Souza Torres através do email marckst22@yahoo.com.br ou com o Comitê de Ética em pesquisa (cep_ih@unb.br). Este termo de consentimento está redigido em duas vias, uma ficará com você e outra com o pesquisador. A devolução dos resultados será realizada com o término dos atendimentos e da pesquisa junto dos participantes.

Informo que assinei livremente esse termo de consentimento e que recebi uma cópia deste documento.

Declaro que fui informado e devidamente esclarecido do projeto de pesquisa intitulado: _____ desenvolvido

pelo(a) _____ do curso de Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura - PPG PsiCC da Universidade de Brasília – UNB, quanto aos itens da resolução 196/96.

Declaro, que após ser esclarecido pelo pesquisador a respeito da pesquisa, consinto voluntariamente em participar deste projeto.

Brasília, janeiro de 2014.

Nome: _____

Assinatura do declarante: _____

Declaração do Pesquisador

Declaro, para fins da realização da pesquisa, que cumprirei todas as exigências acima, na qual obtive de forma apropriada e voluntária, o consentimento livre e esclarecido do declarante acima, qualificado para a realização desta pesquisa.

Marck de Souza Torres
Mestrando em Psicologia
CRP 20/02.509

Pesquisador: Marck de Souza Torres – Mestrando em Psicologia Clínica/UnB (68) 8115-0854

Pesquisadora Orientadora: Prof.^a Dr.^a Deise Matos do Amparo - Professora Titular do Departamento de Psicologia Clínica da Universidade de Brasília/ UnB (61) 33477746
Comitê de Ética em Pesquisa – Instituto de Ciências Humanas – Universidade de Brasília/ UNB (61) 33072370/ 33072761

ANEXO II

Protocolo de Cotação TAT – Abordagem Francesa

<u>Série A</u> <u>Rigidez</u>	<u>Série B</u> <u>Labilidade</u>	<u>Série C</u> <u>Evitação do Conflito</u>	<u>Série E</u> <u>Emergências dos</u> <u>Processos</u> <u>Primários</u>
<p>A1 Referência à realidade externa A1-1 Descrição com aderência aos detalhes com ou sem justificação da interpretação A1-2 Precisoões: Temporal-Espacial-Numérica A1-3 Referências sociais, ao senso comum e à moral A1-4 Referências literárias, culturais</p>	<p>B1 Investimento da relação B1-1 Acento dado sobre as relações interpessoais, narração em dialogo B1-2 Introdução de personagens que não figuram na imagem B1-3: Expressão de afetos</p>	<p>CF Superinvestimento da realidade externa CF-1: Acento dado sobre o cotidiano, o factual, o fazer-Referência aderida à realidade externa CF-2: Afetos de circunstância, referência às normas exteriores</p>	<p>E1-Alteração da Percepção E1-1: Escotoma de objeto manifesto E1-2 Percepção de detalhes raros ou bizarros com ou sem justificação E1-3 Percepções Sensoriais – Falsas Percepções E1-4 Percepção de objetos deterioradas ou de personagens doentes, deformados</p>
<p>A2 – Investimento da realidade interna A2-1: Recurso ao fictício, ao sonho A2-2 Intelectualização A2-3: Denegação A2-4: Acento colocado sobre os conflitos intrapessoais – ir e vir entre a expressão pulsional e a defesa</p>	<p>B2 – Dramatização B2-1: Entrada direta na expressão; exclamação; comentários pessoais, teatralismo, história com ressaltos B2-2: Afetos fortes ou exagerados B2-3: Representação e/ou afetos contrastantes – Ir e Vir entre desejos contraditórios B2-4: Representação de ações associadas ou não a estados</p>	<p>CI Inibição CI-1: Tendência geral à restrição(Tempo de latência longo e/ou importantes silêncios intranarração, necessidade de fazer perguntas, tendência à recusa, recusa) CI-2 Conflitos não expressos, banalização anonimato dos personagens CI-3: Elementos ansiógenos seguidos ou precedidos de paradas no discurso</p>	<p>E2 – Utilização maciça de projeção E2-1: Inadequação do tema ao estímulo – Preservação fora da imagem – simbolismo hermético E2-2: Evocação do mau objeto, tema de perseguição, atribuição arbitrária de uma intencionalidade à imagem e/ou às fisionomias ou atitudes – idealização de tipo megalomaniaca E2-3: Expressão de afetos e/ou de representações maciças –</p>

	emocionais de medo, de catástrofe, de vertigem...		Expressões cruas associadas a uma temática sexual ou agressiva
<p>A3 – Procedimentos de tipo obsessivo A3-1: Dúvida, precaução verbais, hesitação entre diferentes interpretações, repetição de ideias A3-2: Anulação A3-3: Formação Reativa A3-4: Isolamento entre representação ou entre representação e afeto – mínima expressão de afeto</p>	<p>B3 – Procedimento de tipo histérico B3-1: Precipitação de afetos ao serviço do recalçamento das representações B3-2: Erotização das relações, simbolismo transparente, detalhes narcísicos com valor de sedução B3-3; Labilidade das identificações</p>	<p>CN – Investimento narcísico CN-1: Acento dado à vivência subjetiva – referências pessoais CN-2 Detalhes narcísicos – idealização da representação de si e/ou da representação do objeto (valência + ou -) CN3: Enquadramento – afeto-título – postura significativa de afetos CN4- Insistência sobre os limites e os contornos e sobre as qualidades sensoriais CN-5 Relações especulares</p>	<p>E3- Desorganização das demarcações identitárias e objetais E3-1: Confusão das identidades – telescopagem dos papéis E3-2: Instabilidade dos objetos E3-3: Desorganização temporal, espacial ou da causalidade lógica</p>
		<p>CL – Instabilidade dos limites CL-1 Porosidade dos limites (entre narrador/sujeito da história; entre dentro/fora) CL2: Apoio sobre o percepto e/ou sensorial CL3: Heterogeneidade dos modos de funcionamento (interno/externo, perceptivo/simbólico, concreto/abstrato CL4: Clivagem</p>	<p>E4 – Alteração do discurso E4-1: Distúrbios da sintaxe – folhas verbais E4-2: Inderterminação, a não nitidez do discurso E4-3: Associações curtas E4-4: Associações por contiguidade, por consonância, a revelia....</p>
		<p>CM – Procedimentos Antidepressivos CM1: Acento dado sobre a função de apoio do objeto (valência + ou -) – Apelo ao clínico CM-2: Hiperinstabilidade das identificações CM-3 Piruetas,</p>	

		viravoltas, piscar de olhos, ironia, humor	
--	--	--	--